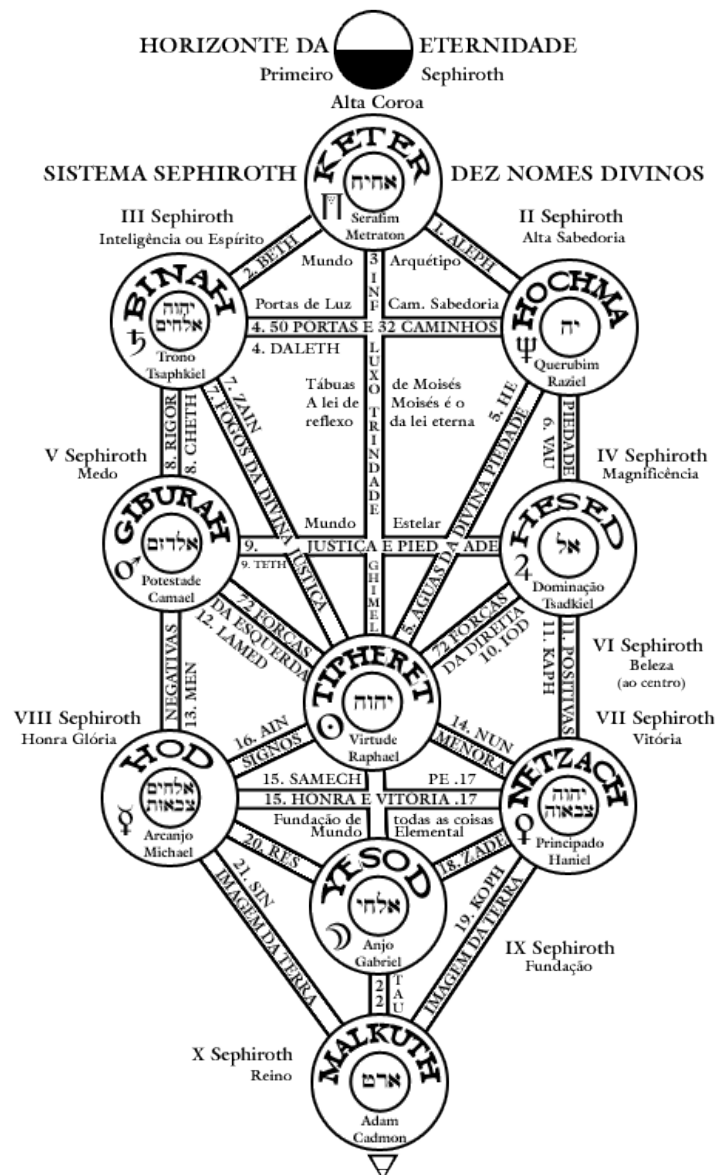


Apostila de Cabala Prática



Prof. Sérgio Bronze

Ainda que eu mergulhe fundo, Tu me elevas.
Ainda que eu seja impuro, Tu me purificas.
Ainda que eu me aprofunde na escuridão, Tu és a Luz.
Ainda que eu vacile, Tu me suportas.
Ainda que eu vagueie sem rumo, Tu és o Caminho.
Ainda que eu minta, Tu és a Verdade.
Ainda que eu seja pura ilusão, Tu és Real.
Ainda que eu me perca, Tu sempre me encontras.
Ainda que eu me afaste, Tu sempre Te aproximas,
Ainda que eu Te ame, Tu me amas mais ainda.
Ainda que eu muito fale, Tu não podes ser expressado.
Santo és Tu, porque Tu és.
Santo és Tu, porque sem Ti nada pode existir.

Gehenayade

Kabalah

(Curso de Cabala Prática)
Prof. Sérgio Bronze

“A Kabbalah é a ciência de Deus e da Alma...
A Santa Kabbalah é o centro de toda iniciação ocidental.”

Introdução

Por alguns motivos óbvios o nosso estudo sobre a Cabala não se prenderá à Cabala tradicional, mas se baseará exclusivamente na Cabala iniciática e naquela que muitos chamam de cristã. Um dos motivos óbvios é que não somos judeus e nem estamos muito interessados em interpretar as escrituras sagradas daquele povo, mas em utilizar a Cabala em nosso próprio processo de iniciação, de aproximação com Deus, e interpretar as escrituras de nossa própria tradição.

O conceito de Cabala cristã surgiu na Europa renascentista e permaneceu totalmente velada do grande público até os finais do século XIX, quando a Hermética Ordem da Aurora Dourada trouxe à luz todos os ensinamentos esotéricos e práticos desta Cabala mais ampla. Com o término da ordem, todo esse conhecimento foi espalhado pelo mundo, sendo renovado e revigorado por uma série de iniciados. Obviamente que muitos conceitos e “observações” sobre este tipo de Cabala – recebimento – não são expressos da forma como as pessoas costumam imaginar, pois uma vez a Cabala sendo uma Ciência Divina, muito de seu conhecimento provém diretamente da experiência direta do iniciado com a Divindade.

Pode parecer estranho dizermos que o frescor que a Cabala vem recebendo nas últimas décadas, desde que a base verdadeira de seus conhecimentos foi desvelada aos homens comuns, surge diretamente da Divindade, mas é justamente assim que tem ocorrido. A utilização diária dos iniciados junto à Cabala faz com que estes possam perceber a manifestação da Divindade através dessa Ciência, que nos dá os meios para nos certificarmos de nossos erros e acertos, dos caminhos que precisam ser tomados, das provas que temos de ultrapassar, etc., etc. Portanto, o trabalho desses iniciados com a Divindade trás novos conceitos e observações para o mundo.

Costumamos dizer que a Tradição não é algo estagnado, fixo no tempo, imutável, mas muito pelo contrário, é algo pulsante e em eterna evolução. Uma tradição imutável não passa de um celeiro de dogmas e regras que não tem a capacidade de acompanhar a evolução da humanidade e se não consegue acompanhar como um todo, não serve mais a esta. A Cabala evolui e continuará evoluindo, se adaptando às novas necessidades do homem ocidental. A sua base filosófica inicial será a mesma, sempre, pois esta é a pedra fundamental que dá a ela a capacidade para que possa evoluir em diversas direções sem ser deturpada.

A principal beleza da Cabala, em nossa visão de estudioso, é a sua capacidade de nos mostrar o Amor de Deus pelo homem, desde a queda deste último do Paraíso até o seu retorno ao mesmo. Em todas as veredas (Caminhos) e pousadas (Sephith) poderemos vislumbrar este Amor mais ou menos explícito, mas sempre presente. Até nas mais terríveis provas do conhecimento de sua própria natureza, o homem estará completamente rodeado pelas asas de seu Anjo Guardião, mesmo quando ele achar que estas são as asas do demônio (Ego).

Para se conhecer profundamente os meandros da Cabala e se ter a capacidade de interpretar o mundo pela sua visão, é necessário praticá-la. Quando dizemos em praticá-la, estamos dizendo que será necessário fazer parte de um sistema de iniciação, seja ele qual for que a utilize com a mais estrita seriedade. Nas mãos de verdadeiros iniciados, a Cabala tem a

capacidade de abrir o conhecimento para um mundo terreno completamente novo e para mundos espirituais inimaginados pela inteligência humana. Expande o intelecto, desvela a compreensão da natureza humana e divina, e nos livra de todo o dogmatismo e idolatria.

A palavra CABALA (Kabalah, Kaballah, Cabala, Qabalah) vem do hebraico QBL, CABAL que significa “receber”. Assim, a Cabala seria “Aquilo que foi recebido”, ou, ainda, “O Conhecimento recebido” através de Deus. Dizem que os rabinos a receberam dos anjos, outros dizem que Moisés a recebeu diretamente de Deus, mas sua semelhança com o ZEND AVEST de Zoroastro indica que os judeus podem ter adquirido seus princípios da mesma fonte que inspirou Zoroastro. OTZ CHIIM, ou, a Árvore da Vida, é na verdade a Árvore do Bem e do Mau, a Árvore do Conhecimento, citada no Antigo Testamento. Ela é conhecida também como Escada de Jacó.

Mas receber o que? Receber o conhecimento que possibilita a compreensão do porque estamos encarnados e do método pelo qual podemos voltar, de maneira consciente, a nos unirmos com Deus. Mas mais do que isto, é realizar a nossa Verdadeira Vontade, que é o meio pelo qual atingiremos a realização da Grande Obra de Deus.

A raiz da palavra QBL também significa “de boca a ouvido”, o que nos indica que este conhecimento é sagrado e secreto, que antigamente era passado de maneira oral, não escrita. Os seus estudantes e praticantes eram conhecidos por diversos nomes tais como: Aqueles Que Sabem; Filhos da Fé; Homens da Crença; Visitantes do Paraíso; os Inteligentes; os Sábios de Coração; Mestres dos Mistérios; Aqueles que Conhecem a Providência; os Valorosos; e Tementes do Pecado.

A Cabala era conhecida, antes de ser chamada como tal, por: Sabedoria Interior, o Caminho da Verdade ou a Ciência da Verdade. E essa Ciência teve a sua reformulação “final” tal como a conhecemos nos dias atuais, englobando diversos outros estudos e ciências, graças a Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*), que deu a ela a contribuição e as atribuições que muitos estudantes e ordens utilizam até os dias atuais. Com toda a certeza a Aurora Dourada tenha recebido influências de outras fraternidades secretas do seu tempo e anteriores de seu tempo.

Conta a Tradição, em Gênesis 14:18, que Melchizedek – Rei da Justiça e Sacerdote de Deus Elevadíssimo – iniciou Abraão no conhecimento dos Ensinamentos Iniciáticos referentes as relações entre Deus, o Universo (a Natureza) e o homem.

Diz-se ainda que Melchizedek não teve nascimento, que sua vida não teve começo nem tampouco fim, sendo chamado: Filho do Deus Eterno. Deste encontro entre o Homem Celeste e o Terrestre nasceu uma “linhagem” de ensinamentos espirituais que mais tarde foi denominada de Kabbalah. Assim, através do estudo e da vivência desta Santa Ciência se pode também atingir a imortalidade. Uma das principais características de todo verdadeiro cabalista é a de procurar sempre se afastar de tudo aquilo que se parece idolatria, uma vez que a idolatria é fruto da falta de conhecimento sobre alguma coisa. O cabalista, portanto, procura compreender o mundo a sua volta e dentro dele, com o máximo de objetividade e discernimento.

A História

Muitos textos cabalísticos afirmam que a Cabala é um conjunto de ensinamentos esotéricos revelados a Moisés no Monte Sinai, ligando-os assim à própria criação da Lei Judaica. Sugere-se que Deus tenha ditado os cinco livros da Bíblia a Moisés (a Torah, mais conhecida pelos cristãos como Pentateuco, ou os cinco primeiros livros da Bíblia, que são: Gênesis, Números, Levítico, Êxodo e Deuteronômio) oferecendo em seguida um código secreto para sua interpretação.

Uma outra tradição popularizada no século XV diz que a Cabala foi originalmente revelada pelos Anjos a Adão para que pudesse voltar ao Paraíso depois do Pecado Original. No seu livro “The Kaballah Unveiled” (A Cabala Desvelada), MacGregor Mathers, antigo Mestre da *Ordem Hermética da Aurora Dourada*, narra a seguinte história:

“A Cabala foi ensinada primeiramente pelo próprio Deus a um seletivo grupo de anjos que formaram uma escola teosófica no Paraíso. Depois do Pecado Original, os anjos bondosamente ensinaram essa doutrina celestial aos desobedientes filhos da terra para dotar os protoplastos com os meios para voltar à sua primitiva nobreza e felicidade. De Adão ela passou para Noé e depois para Abraão, o amigo de Deus, que a levou para o Egito, onde o Patriarca deixou parte dessa misteriosa doutrina. Foi assim que os egípcios obtiveram algum conhecimento a respeito e que as outras nações orientais puderam incorporá-la a seus sistemas filosóficos. Moisés, que estudara todo o saber do Egito, foi iniciado na Cabala em sua terra natal, porém adquiriu mais proficiência na sua viagem através do deserto. Ele não só se dedicou a ela em suas horas de lazer durante todos os seus quarenta anos, como também recebeu lições de um dos anjos sobre esse assunto. Apesar de todas as guerras, migrações e infortúnios que frequentemente afligiram sua nação, com a ajuda dessa misteriosa ciência o Patriarca conseguiu superar as dificuldades surgidas durante o período em que conduziu os israelitas. Disfarçadamente, ele introduziu os princípios dessa doutrina secreta nos quatro primeiros livros do Pentateuco, mas não os incluiu no Deuteronômio.”

A Cabala é o ensinamento místico do Judaísmo e surgiu em consequência de um longo e complexo desenvolvimento que se iniciou com o Misticismo Merkabah. “Merkabah” que significa “carruagem” foi a primeira forma de misticismo judaico, anterior à Cabala. Foi a Carruagem que transportou o Trono de Deus ou Trono do Mundo, descrito pelo profeta Ezequiel e tido pelos místicos judeus como complemento das Doutrinas Secretas do Hermetismo e do Gnosticismo Cristão. O século II da era cristã testemunhou a fusão de um grande número de tendências e a Cabala, do ponto de vista histórico, pode ser definida como um produto de interpenetração entre Gnosticismo Judaico e Neoplatonismo.

Durante a fase final do Império Romano e início do Cristianismo, havia o Gnosticismo Cristão, o Gnosticismo Judaico, o Neoplatonismo, o Neopitagorismo, o Hermetismo e muitos cultos obscuros, todos se interpenetrando de formas sutis. Assim, a Cabala Hermética inclui um pouco de todo este conhecimento mágico em seu primeiro texto conhecido, o *Sepher Yetzirah* (O Livro da Criação), surgido entre os séculos III e VI da era cristã. Em virtude de uma menção ao patriarca Abraão no último parágrafo do livro, que é constituído de apenas seis breves capítulos, este foi considerado por muito tempo o autor do mesmo, que por este motivo também é conhecido pelo nome de “O Alfabeto do Patriarca Abraão”. O *Sepher Yetzirah* é uma obra muito difícil e obscura, mas que utilizada em conjunto com o Tarot, por exemplo, se torna extraordinariamente clara.

Foi, contudo, na Idade Média que o estudo da Cabala recebeu suas contribuições mais valiosas. Uma destas contribuições foi a Gematria, através da qual se poderia encontrar relações numerológicas entre as palavras (e, portanto, entre os conceitos). Depois, entre 1150 e 1200 da era cristã, no sul da França, surgiu uma outra obra cabalística importante, o

Sepher-ha-Bahir, que pela primeira vez faz referência a uma “Árvore Secreta” e que descreve as Sefiras (ou Sephiroth) como recipientes da Luz Divina. O resultado do estudo do Sepher Yetzirah em termos do Bahir foi que os estudiosos começaram a discutir conjuntamente as *Dez Sephiroth* e os *Trinta e Dois Caminhos*.

Este movimento místico judaico, entretanto, alcançou seu clímax no século XIII, na Espanha, com a divulgação do livro chamado Zohar, escrito por Moisés de Leon entre 1280 e 1286. Trata-se de um conjunto de comentários sobre a Bíblia e a cosmologia mística e acabou se tornando o texto mais importante do misticismo judaico. Entre aproximadamente 1500 e 1800, a Cabala era amplamente considerada como sendo a verdadeira essência da teologia judaica e não uma simples curiosidade, como atualmente é vista pela maioria dos judeus.

Ainda no Renascimento, os teólogos e filósofos tinham muita liberdade para questionar e investigar alguns dos princípios mais fundamentais da cristandade e este florescimento ideológico teve seu nível mais elevado na Academia Médici, em Florença. Na verdade, praticamente todo o ocultismo moderno deriva dos desenvolvimentos realizados pelos estudiosos dessa época e lugar. Os Médicis eram uma família extremamente rica e governaram Florença do século XV até 1737. Sua principal contribuição foi como protetores das artes, um programa que se iniciou com Cósimo, o primeiro dos grandes Médici, e continuou com Lorenzo, o Magnífico, protetor de Leonardo Da Vinci, Michelangelo e Maquiavel.

Cósimo de Médici fundou a Academia Platônica, dedicada ao estudo da filosofia grega e um núcleo de ideias neoplatônicas. Ela foi um centro de estudos abertos, muito semelhante ao que é hoje o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, onde Einstein lecionou física.

Cósimo colecionava manuscritos antigos e dentre estes manuscritos encontravam-se alguns que os filósofos do início da Renascença acreditavam conter as ideias centrais da mais antiga religião egípcia, que os conduziria à própria fonte da iluminação. Isto serviu de base para a magia do Renascimento e para toda uma escola do Neoplatonismo. Foram essas ideias que precederam a entrada da filosofia cabalística na Academia Médici.

O que se chama de Cabala Cristã foi também um desenvolvimento feito na Academia Médici e a principal realização de Pico della Mirandola, um dos eminentes intelectuais da corte florentina. Foi ele que, em seu estudo “72 Conclusões Cabalísticas”, afirmou que “não existe ciência melhor que a Magia e a Cabala para nos convencer da divindade de Cristo”. Em seu décimo quarto princípio cabalístico, Pico afirmava que, ao se acrescentar a letra hebraica *Shin* ao nome divino Yod Heh Vav Heh (Jeová) produzindo Jeheshua, o nome hebraico de Jesus, tornava-se possível pronunciar o nome impronunciável de Deus. Daí surgia a ideia cabalística de que todas as coisas são quatro elementos ativados por um quinto, ou seja, *Yod* é o Fogo, *Heh* é a Água, *Vav* é o Ar, o *Heh* final é a Terra e *Shin* é o Espírito.

Pico della Mirandola inspirou a obra de Johannes Reuchlin, o primeiro não judeu a escrever sobre a Cabala. Ele parte da premissa de que a história da humanidade se divide em três períodos. No primeiro, Deus revelou-se aos patriarcas judeus através do nome tríplice Shaddai. O segundo período foi o de Moisés e do Talmude, quando Deus se manifestou com um nome de quatro letras (Yod Heh Vav Heh ou Tetragramaton), Jeová. Por fim, veio o período da redenção humana através do Cristo, quando Deus se revelou na forma de um nome de cinco letras, Jeheshua, Jesus.

A palavra Cabala que significa “recebimento” é também denominada CheN, que se traduz como “graça”. Este termo é formado pelas iniciais de Chokmah Nisteret, que significa “sabedoria oculta”.

Uma Outra História

Não se tem como estudar o judaísmo e os conceitos por detrás da própria Cabala, sem compreendermos o Zoroastrismo e algumas de suas ideias centrais. Toda a História judaica se inicia no cativeiro da Babilônia, onde os primeiros escritos do Antigo Testamento começaram a ser esboçados.

Boa parte das ideias encontradas no Antigo Testamento são ideias já formuladas pelos antigos sumérios, como a do Éden, que foram repassados até chegarem aos babilônicos. O Livro do Gênesis é claramente inspirado em textos sumerianos.

Mais tarde, quando os judeus são livres do cativeiro pelos persas, toda a cultura zoroástrica passou a influenciar profundamente a cultura religiosa judaica. Desde o nome de deus até o costume de utilizar a quipá. O conceito de um deus único na cultura judaica foi influenciada pelos persas, assim como o dualismo (deus e o demônio) e até a ideia do templo de Salomão (Beit HaMiqdash), ou a Casa de Deus (Beit El), onde o fogo divino arde eternamente. Obviamente que, o Templo ou a Casa não é uma referência a algo externo, mas interno.

Também, a ideia da vinda de um Messias na cultura judaica foi também influenciado pelo conceito tardio na tradição zoroástrica de um salvador e filho de deus, na figura de Mithra. É com a inclusão de Mithra que percebemos conceitos que mais tarde encontraríamos naquilo que chamamos de Cabala. Apesar de Mithra não fazer parte do zoroastrismo, mas de ser uma religião absorvida dentro do zoroastrismo, assim como diversas outras religiões existentes na época, esta encontra um lugar especial dentro da religião parsi. Mithra passa a ser o representante de Ahura Mazda na Terra, como salvador da humanidade contra Ahriman, o grande opositor de deus.

Mithra encontra um lugar especial dentro da religião por pertencer ao culto mais importante da época, venerado desde o Mediterrâneo até o oriente. Mas, principalmente, por haver nele todos os princípios do culto patriarcal e que se coadunavam como o mazdeísmo. Aqui encontramos o conceito do Filho, como a representação máxima que caracteriza o ápice de uma Era; infelizmente, este assunto é por demais complexo para ser abordado em poucas linhas.

O zoroastrismo, segundo alguns estudiosos, surge na Pérsia por volta de 2000 a.C. Alguns dizem ser ainda mais antigo, mas a data mais aceita é esta.

Ainda dentro da religião zoroástrica existia um outro intermediário entre deus e os seres humanos, além de Mithra, que seria os Spenta Mainyu ou aquilo que os cristãos chamam de Espírito Santo. Curiosamente, a tradição literal é a mesma utilizada pelos cristãos. Apesar de também não fazer parte dos ensinamentos originais, este conceito foi mais tarde acrescentado à religião.

A grande divisão que existia entre as tribos judaicas se deve, em boa parte, a não aceitação da influência zoroástrica na cultura daquele povo. Os fariseus, a tribo mais “odiada” dentro do Novo Testamento, eram a favor dos conceitos zoroástricos, daí serem chamados de fariseus: faris é pharsi (parsi) ou persa.

De todas as tribos massacradas pelos romanos no ano 70 d.C., na Grande Revolta Judaica, os fariseus foram os únicos sobreviventes. Portanto, a influência zoroástrica continua reinando em toda a cultura judaica até os dias atuais. Devemos também nos lembrar de que, a religião judaica tal como existe atualmente só foi estruturada na Idade Média pelo Rabbi Moshe ben Maimon ou Maimônides (1135/1204).

Como o zoroastrismo absorveu diversas outras religiões do oriente médio e até do oriente, um grande sincretismo ocorreu dentro da religião. Para que o zoroastrismo pudesse absorver tantas religiões era necessário criar uma estrutura onde todas as outras religiões pudessem coexistir. É neste ponto que surge uma estrutura que mais tarde seria conhecida

por Árvore da Vida, além de um corpo de instruções que englobava estas diversas religiões e seus conhecimentos.

O que se percebe claramente quando estudamos a Cabala é uma influência de um período muito mais antigo, onde o matriarcalismo ainda estava presente. O próprio estudo da Árvore da Vida e dos seus pilares nos levam a contemplar esta influência. Assim, temos dentro da Cabala duas fortes influências, sem falar dentro da própria religião judaica: o culto matriarcal e o culto patriarcal.

O nome de deus na religião judaica, YHVH (Javé) e o nome de deus na religião zoroástrica, Ahura Mazda, são idênticos: *Eu Sou O Que Sou* ou *Sou o Que É*. E para complicar ainda mais, temos trechos do Antigo Testamento que seriam “cópias perfeitas” de textos antiquíssimos zoroástricos onde encontramos referências às quatro grandes Árvores da Vida.

Todas estas similaridades poderiam ser coincidências ou uma manifestação puramente divina, se a religião judaica não tivesse tido um contato tão próximo com o zoroastrismo quanto com as tradições babilônicas e sumerianas. O zoroastrismo não influenciou apenas o judaísmo, como também o cristianismo e o islamismo. Todas estas três religiões têm como base filosófica aquela primeira mais antiga.

Muito das técnicas e até mesmo os dizeres de muitos livros de autoajuda que encontramos atualmente nas livrarias são “retirados” de textos zoroástricos como o Aogemadaeca ou “a resignação serena até a morte” que diz: *Eu venho, eu aceito, eu renuncio*.

Por outro lado, quando mergulhamos nos símbolos zoroástricos e observamos bem de perto muitos dos seus ensinamentos e conceitos, não podemos deixar de pensar que até mesmo esta antiga religião possa ter tido uma grande influência da religião sumeriana. O conceito e a palavra Éden (que se pronuncia Edîn), Paraíso, surge primeiramente naquela civilização.

Para um estudo mais profundo do assunto, devemos ler:

- 1 - *O Comentário de Peake da Bíblia*, Matthew Black e H. H. Rowley, ed., edição Revisada, NY: Nelson 1982, seção 607.
- 2 - *Enciclopédia América*, Danbury, CT, 1988, vol 29, pp., 813-815, artigo por J. Duchesne-Guillemin.
- 3 - *Zarathustra (Zoroastro), Philo, O Achaemenids e Israel*, Lawrence Mills, Leipzig, 1903. Lawrence Mills era um professor americano em Cambridge que não só traduziu muito do Avesta, mas publicou vários livros, incluindo *Nossa Própria Religião na Pérsia Antiga*, Chicago 1913, dando exemplos inclusivos de palavras persas e ideias na Bíblia.
- 4 - *Os Mistérios de Mithra*, Franz Cumont, Chicago, 1903, também em Dover Livros.
- 5 - Site mazdeísta: www.avesta.org
- 6 - *O Livro Perdido de Enki*, Zecharia Sitchin,

A Cabala

O estudo da Cabala era, tradicionalmente, permitido apenas para homens do sexo masculino e com idade superior a 40 anos, uma vez que este ensinamento exige conhecimento prévio das Escrituras Sagradas e seus comentários, o que pressupõe vários anos de estudo e dedicação. Ademais, a compreensão mística exige do iniciado certo equilíbrio emocional, bem como um compromisso com a vida mundana, através do vínculo com a família e da responsabilidade com uma ocupação regular, para que não ocorra desinteressar-se pelo mundo físico e perder-se nos atraentes caminhos do conhecimento oculto da Criação. Uma pessoa despreparada para tal vereda estaria exposta a sérios riscos físicos e emocionais, o que levou os cabalistas tradicionais a restringir a divulgação da ciência oculta a pessoas previamente selecionadas. Além disso, alguns cabalistas advertem também contra experiências teúrgicas baseadas no Sepher Yetzirah e na combinação de letras, uma vez que no livro cada letra corresponde a um órgão do corpo humano e a manipulação precoce, despreparada ou mal intencionada destes poderes, poderia lesar de maneira irreversível o órgão relativo à letra utilizada inadequadamente.

O tema do Sepher Yetzirah são os “Trinta e Dois Caminhos da Sabedoria”, através dos quais, Deus criou o universo. Os trinta e dois caminhos são uma referência aos dez números primordiais e às vinte e duas letras do alfabeto hebraico.

Os dez números primordiais são denominados Sephiroth ou Sefiras (que literalmente significa “contagem”, embora que com o tempo adquiriu um sentido aproximado a “esferas” ou “emanações”), e o Sepher Yetzirah estabelece a seguinte correlação:

- 1 – O espírito do Deus vivo: a voz, o sopro e a fala;
- 2 – O ar emanado do espírito, com o qual Ele talhou e esculpiu as vinte e duas letras;
- 3 – A água emanada do ar;
- 4 – O fogo emanado da água, com o qual Ele talhou e esculpiu o Trono da Glória e os seres celestiais;
- 5 – A altura, dirigindo-se para cima;
- 6 – A profundidade, dirigindo-se para baixo;
- 7 – O oriente, à Sua frente;
- 8 – O ocidente, atrás de Si;
- 9 – O sul, à Sua direita;
- 10 – O norte, à Sua esquerda.

O versículo 7 do livro de Isaías, capítulo 43 diz que “...todos aqueles que invocam Meu Nome. Eu os criei. Eu os formei. Eu os fiz...”, sugere para a interpretação cabalística a existência de quatro mundos que, na realidade, são quatro planos de consciência ou quatro níveis de densidade que, hierarquicamente envolvem, no processo da Criação, e evoluem, no processo de retorno à fonte.

Estes são os quatro mundos da Cabala, com suas denominações inspiradas naquele versículo:

- 1 – Olam ha-Atziluth (o Mundo da Emissão);
- 2 – Olam ha-Briah (o Mundo da Criação);
- 3 – Olam ha-Yetzirah (o Mundo da Formação);
- 4 – Olam ha-Assiah (o Mundo da Ação ou Produção).

Atziluth é mundo da Emissão Divina, onde nada mais há senão o reflexo dos dez atributos divinos e os dez nomes de Deus, cada qual relacionado a um atributo.

Briah, o mundo da Criação, habitado por seres angelicais, é a ideia original da Criação, o potencial, a semente de tudo o que existe.

Yetzirah, o mundo da Formação, habitado por hostes angelicais, é o mundo planetário onde a ideia adquire forma, composta de matéria astral e onde a separação já se distingue em elementos relativamente independentes. É neste plano que ocorre a separação dos aspectos masculino e feminino, o que explica o relato duplo da criação do homem, o primeiro em Gênesis, 1-27 e o segundo em Gênesis 2-7. No primeiro relato, “...E criou Deus o homem à Sua imagem e criou-o masculino e feminino”, o verbo utilizado é “criar”, referindo-se a Briah, o Mundo da Criação. No segundo relato, onde se lê “...o Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra e inspirou no seu rosto um sopro de vida...”, o verbo utilizado é “formar”, que o situa em Yetzirah, o Mundo da Formação, onde o ser adquire forme e uma certa materialidade ainda que sutil, não sendo mais andrógino.

Finalmente, Assiah, o mundo da Ação ou da Produção, que é o mundo físico e sensorial. A Criação no seu maior grau de materialidade, os reinos mineral, vegetal e animal, onde o homem habita desde a Queda ou Expulsão do Paraíso, quando perdeu o direito ao seu habitat natural para o qual foi criado (Yetzirah) e onde recebeu um corpo denso sobre seu corpo astral original, onde deverá trabalhar pela recuperação de seu estágio evolutivo anterior.

As Letras Hebraicas

א	- Aleph	- A	- Boi	- 1
ב	- Beth	- B	- Casa	- 2
ג	- Gimel	- G	- Camelo	- 3
ד	- Daleth	- D	- Porta	- 4
ה	- Heh	- H, E	- Janela	- 5
ו	- Vav	- V, U	- Prego	- 6
ז	- Zain	- Z	- Espada	- 7
ח	- Cheth	- Ch	- Cerca	- 8
ט	- Teth	- T	- Serpente	- 9
י	- Yod	- I, Y, J	- Mão	- 10
כ	- Kaf	- K	- Palma da mão	- 20 (500)
ל	- Lamed	- L	- Aguilhão do boi	- 30
מ	- Mem	- M	- Água	- 40 (600)
נ	- Nun	- N	- Peixe	- 50 (700)
ס	- Samekh	- S	- Coluna	- 60
ע	- Ayin	- O	- Olho	- 70
פ	- Peh	- P	- Boca	- 80 (800)
צ	- Tzaddi	- Tz	- Anzol	- 90 (900)
ק	- Qof	- Q	- Nuca	- 100
ר	- Resh	- R	- Cabeça	- 200
ש	- Shin	- Sh	- Dente	- 300
ת	- Tau	- Th	- Cruz	- 400

As letras estão divididas em três categorias: as letras mães, as duplas e as simples. As letras Aleph, Mem e Shin são consideradas letras mães, pois delas todas as outras foram originadas (sic) e representam o Ar, a Água e o Fogo, respectivamente. As letras duplas são Beth, Gimel, Daleth, Kaph, Phe, Resh e Tau, e representam os sete planetas. As letras simples são todas as demais e representam os doze signos do Zodíaco.

No entanto, se observarmos atentamente, todas as letras são formadas a partir da letra Yod, que seria esta a letra raiz ou primordial, que todas as outras levam em si. A ideia por detrás da letra Yod, Mão, se refere ao trabalho, a realização de algo. A letra Yod é o princípio absoluto, a semente geradora de todas as demais letras. Esta tem o formato de uma chama ou fogo e a luz é o poder gerador das formas.

O Simbolismo das Letras Hebraicas

A letra **Aleph** (א), apesar de o seu desenho nos remeter a um arado que é puxado pelo **Boi**, o seu desenho vai muito mais além, sendo mais profundo. Aleph é a Luz (Yod) que se encontra acima e a abaixo, dividida pelo Abismo, daí o traço separando ambas. A Luz Hermética, Pura, é o que conduz o Boi, cuja luz é um tanto quanto desvirtuada, pelas ilusões. Se ela é a Luz Hermética, L.V.X., ela jamais poderá estar sob o Abismo. Por causa disso é que temos as ideias de L.V.X. e da Luz do Conhecimento.

No Gênesis está escrito no Capítulo I, versículos 3 à 5: “Faça-se a luz. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz e às trevas noite”. Qualquer similaridade não é mera coincidência. Veja a ideia do Cubo Mágico, etc., etc.

Portanto, esta letra marca a separação, pelo Abismo, da Sabedoria (L.V.X.) e do Conhecimento (Luz). A separação entre a Consciência de um Deus e a de um ser humano.

Beth (ב) tem o formato da **Casa** de Deus (Bethel) cuja base, fundação ou fundamento é sólido. Por estar aberta pela esquerda, nos remete a ideia de que a Casa de Deus está sempre aberta ao Filho(a) que chega, daí a parábola do Filho Pródigo.

Gimel (ג) tem a forma da pata de um **Camelo**, que com segurança e lentidão atravessa o deserto. O deserto é uma referência ao Abismo de Daath. O camelo é um símbolo feminino, o que não quer dizer que pertença exclusivamente às mulheres, uma vez que todos nós somos mulheres, por recebermos em nós a Luz de Deus (Yod).

Daleth (ד), a **Porta**, é Beth sem a fundação, seu alicerce. O que nos proporciona a entrada na Casa, uma passagem livre e o acesso ao seu Interior.

Heh (ה) é um segmento de Daleth e Beth. Observe que o traço não toca o teto da Casa, como a maioria das janelas não toca o teto. Pela **Janela** o homem consegue olhar o exterior, assim como o interior da Casa de Deus. Por isso é que ele transpõe o Abismo. Existem desenhos cabalísticos medievais mostrando anjos atravessando por uma janela... A janela é uma alusão ao enxergar, o ver, ao órgão da visão.

Vav (ו) é o **Prego** e o seu desenho não requer maiores discussões. É o prego que fixa a Sabedoria no Rei... Não falarei muito sobre o Rei, uma vez que muitos ao estarem diante do Rei acreditam que ele não passa de um mendigo.

O Rei se fixa no mundo segundo sua Natureza e trabalha no mundo segundo a sua Verdadeira Vontade. O prego é ereto como o Phallus, assim como todos os símbolos correlacionados ao que é reto, perfurante.

Zain (ז) é a **Espada**, é a inteligência e o conhecimento que decepou (o que separa) a cabeça de João Batista, a pedido de Salomé. Lembre-se que Zain liga Tiphareth a Binah, o Filho à Mãe. O seu desenho é de uma espada estilizada, sem o punho, uma vez que a mão de Deus é quem a segura e a mão é sempre invisível, desconhecida à compreensão do Filho. Daí que dizem que Deus escreve certo por linhas tortas.

Cheth (ח) é a Casa, a Janela e a Porta. É a Casa sem a sua base, sem janela e sem porta. Pelo formato da letra percebemos que temos sobre nós a proteção necessária de Deus. Há algo sobre nós que nos protege e que nos alimenta no seu **Cercado**.

Temos aqui a proteção divina para aqueles que realizam o seu dever de maneira consciente. Cada homem e mulher que realiza seu trabalho da melhor maneira possível, honestamente, buscando sempre se aperfeiçoar como ser humano, é Inspirado por Deus em seu dia a dia.

Teth (ט) tem o formato da boca de uma serpente mostrando os seus dentes; algo como se ejaculasse veneno para o alto. Daí esta letra ser conhecida por **Serpente**. A serpente sempre foi o símbolo maior da Sabedoria e do conhecimento: é o conhecimento das causas do mundo que leva o Rei para a Guerra, que o coloca em movimento. A serpente é o tempo

cíclico. Este caminho é também o do Leão, daí a ideia do Arcano XI nos remeter ao Leão-Serpente – é o Rei do Mundo sob a Rainha do Espaço Infinito.

Mais a frente está a letra que corresponde a Boca, Peh, por onde todos os venenos germinam. A serpente tem a boca erguida, mas a boca do homem, que muito fala, está abaixada gerando dualidade.

Yod (י) é a mais importante de todas as letras, é a letra matriz de todas as outras. É a **Mão** que conduz. É a mão que segura cada ser humano e que o mantém no caminho de volta ao lar. É por causa da mão de Deus que todas as saudades nascem, pois sem Ele a Alma não poderia existir e tudo o que ela almeja é o reencontro. De Deus tudo surgiu e tudo existe apenas para a glorificação de Deus. É a Mão que realiza o Trabalho ou a Verdadeira Vontade.

Esta letra é simples como um cair de uma gota de orvalho na terra. Deus é a simplicidade do universo, do mundo e da eternidade. E se somos a imagem e semelhança de Deus, somos também uma gota, importante, no grande mar da Eternidade. É na simplicidade que reside Deus, mas é a mente com sua teia que nos afasta de toda a simplicidade. É o fogo divino que recai sobre cada ser humano, tornando-o único, é o fogo que arde no peito de cada estrela.

Yod, a mão, representa o trabalho de cada ser humano, quer seja um trabalho braçal, quer seja um trabalho intelectual. O Profeta Zoroastro já ensinava que: “É preferível trabalhar do que rezar à Deus”.

Kaf (כ) tem o formato da **Palma da Mão** que se dobra para segurar e manipular a Vontade de Deus, para a realização da Verdadeira Vontade. O trabalho realizado pela mão que se dobra (ou que se fecha) pode gerar a criação ou a destruição, daí que esta é a primeira letra que possui dois valores (20 ou 500) dependendo de sua colocação em uma palavra ou em um nome. As letras com dois valores devem ser observadas com profundo cuidado, pois elas são extremamente duais.

Lamed (ל) tem mesmo o formato de algo que é colocado ao redor do pescoço de um animal, é o **Aguilhão do Boi**. É algo que aprisiona e que liberta. Liberta e redime em Tiphareth, e que parece aprisionar em Geburah. Aqui, de uma maneira muito sutil, é mostrada que a autodeterminação que o homem busca na vida é uma ilusão, uma mentira. Cada ser humano deve apenas cumprir com aquilo que é o seu dever, aquilo que os faz único em todo o Universo. Aprender a obedecer a Lei é se direcionar para a Felicidade.

Mem (מ) tem o formato de uma onda quebrando, isto é, o que nos envolve de tal maneira que muitas vezes caímos na mais profunda ilusão. Este é o motivo pelo qual a **Água** sempre simbolizou, ao longo dos séculos, para os iniciados o inconsciente. Mas a água é a fonte de toda a Vida e é nesta fonte de cada um deve mergulhar o mais fundo que conseguir. No fundo de cada ser humano se encontram todas as respostas para seus anseios e o único lugar onde o nosso Caminho pode ser encontrado.

Nun (נ) nos faz lembrar um anzol que captura o **Peixe**, que oferece algo que não sabemos se é bom ou ruim, mas que estamos, assim como os peixes, a ele aprisionados. É a representação de algo no qual estamos irremediavelmente presos e fadados a viver. Toda a vida surgiu das águas e dos peixes...

Sameck (ס) também pode significar **Coluna**, daí o seu formato circular que nos lembra do formato do disco cervical. É a especialização da coluna que faz com que o ser humano pudesse caminhar em pé, diferente dos demais animais. É pela coluna que se ergue em direção a Deus. É circular, feminino, porque representa o ciclo dos tempos. Curiosamente, a coluna é formada de diversos discos, círculos.

Ayin (ע), o **Olho**, pode nos remeter a dois olhos. Todas as vezes que encaramos o Diabo de frente precisamos sempre olhá-lo com os dois olhos bem abertos, para podermos compreender o que ele quer nos mostrar. Mas qual é o ser humano que tem esta capacidade

e amor a si mesmo para ser verdadeiramente humilde? A letra nos remete a necessidade de aprendermos a enxergar além das aparências. Tudo que acontece na vida, por mais confuso que possa parecer, tem um motivo para ser e devemos retirar dele ensinamentos.

Peh é a letra Teth (ט). É a **Boca** que expressa ao mundo um conhecimento, mas sabemos que todas as palavras são falsas em sua essência. A serpente é o conhecimento mais elevado, enquanto que a boca ao tentar expressar tal conhecimento pode gerar mentiras tão grandiosas que passam a ser chamadas de sabedoria e acabam por se tornarem em dogmas. É através da palavra que o mundo é criado.

Observe como estas duas letras, em seus Caminhos, estão em paralelo. Querer manifestar a presença de um Deus externo é um equívoco muito grande. Toda manifestação é uma ilusão, mas não poderia ser de outra maneira.

Tzaddi (צ) tem o formato de um **Anzol** duplo e resistente para pegar grandes peixes. O ser humano vive na busca de duas coisas: poder material e conhecimento intelectual. Quando foi ordenado que as Estrelas fossem puras em essência, foi dado ao homem o anzol de sua destruição, destruição que ele mesmo pediu: “Aquilo que pode afundá-lo é o mesmo que pode elevá-lo”.

Qof (ק) tem a forma explícita da **Nuca**; temos a cabeça e a coluna ali desenhadas. É o caminho que leva a cabeça à coroa, através da coluna. É necessário observar porque este caminho não deveria estar colocado onde muitas vezes é representado.

Resh (ר) mostra a **Cabeça** sem a coluna. Alguns Irmãos R.C. dizem que o desenho é o do cabelo na cabeça que é um símbolo de virilidade – antigamente ter o cabelo comprido era símbolo de virilidade, assim como ter barba grande (ver os rabinos ortodoxos). A cabeça é a sede da Coroa – Kether; é onde a Consciência divina se manifesta, na exaltação da nossa Inteligência. É onde primeiro a Luz toca a cada ser humano.

Shin (ש) também não precisa ser comentado longamente, pois podemos ver ali três **Dentes**. Ora, onde mais estariam os dentes senão na região da cabeça e como ambos podem estar tão longe da Coroa? É o guardião da porta de entrada da Palavra, é o que filtra o que irá entrar ou sair. Temos aqui o princípio da Castidade.

Esta letra nos mostra a ideia de algo muito velho, antigo e, ao mesmo tempo, algo velho e arcaico. A letra no meio do nome יהוה nos mostra que existe dentro de cada ser humano Algo muito antigo e divino (יהוה).

Tau (ת) nos mostra um homem pendurado de cabeça para baixo e é assim que os profanos se sentem muitas vezes no decorrer de suas existências. Estar pendurado de cabeça para baixo é demonstrar que não se tem controle sobre as situações que surgem e que se é joguete da própria existência. Assim, ele está sempre envolvido com as coisas da terra e sendo joguete do próprio inconsciente. O homem se pendura em sua **Cruz**, clamando por Deus, mas quando Deus se faz presente, o homem o renega e se afasta ainda mais de Deus. Portanto, Deus é morto na cruz que o homem carrega e terrível é sentir o gosto de seu sangue em nossa boca.

As Quatro Categorias da Cabala

A Cabala é composta de quatro tipos de estudos distintos que compreendem a Cabala exotérica e esotérica.

A Cabala Prática é o estudo da Magia Talismânica, da Magia Cerimonial e do Tarot, assim como outros sistemas afins.

A Cabala Dogmática consiste na literatura dos livros e textos tradicionais, como o Antigo Testamento, por exemplo.

A Cabala Literal trabalha com as letras e os seus números correspondentes, sendo que esta se divide em três: Gematria, Notaricon e Temurah.

E a Cabala Não Escrita, que consiste no conhecimento que é passado de boca a ouvido e que quase nunca é escrito ou encontrado em livros. Baseado no esquema compreendido pela Árvore da Vida. Esta última categoria, talvez a mais importante, pode ser conhecida por Cabala Esotérica (ou oculta) e é através dela que os estudos da Cabala Prática e da Literal formam o verdadeiro corpo de ensinamentos da Cabala.

A escola judaica se utiliza de seus conhecimentos para impedir a formação da idolatria e para o desenvolvimento intelectual para se decifrar a Torah, tornando-a una e indivisível.

A escola hermética difere principalmente pela liberdade de sua utilização, mas que também se caracteriza pelo desenvolvimento intelectual e espiritual de seus estudantes.

Gematria, Notaricon e Temurah

A Cabala Literal ou o estudo das letras e números se encontram divididas em três partes: GMTRIA, Gematria; NVTRIQVN, Notaricon; e ThMVRH, Temurah. No entanto, é extramente difícil alguém ensinar a outro a trabalhar em cima da ciência dos números, pois apenas a prática é capaz de fazer com que alguém seja perito nesta arte.

Dos três métodos citados, o mais utilizado é a Gematria por ser menos complexo. Não devemos, porém, confundir Gematria com Numerologia Pitagórica, uma vez que esta primeira é extremamente mais refinada e utilizada para a observação de importantes encontros espirituais.

Gematria é uma metátese da palavra grega *grammateia*. Baseia-se no relativo valor numérico das palavras. As palavras de valores numéricos similares supostamente se interpenetram mutuamente e esta teoria se estende as orações e as frases completas. Por exemplo, a letra c, Sh, é igual a 300, que é o equivalente da soma da palavra RVCh ALHIM, Ruach Elohim, o espírito dos Elohim e é por isso que c é o seu símbolo.

R = 200, V = 6, Ch = 8

A = 1, L = 30, H = 5, I = 10, M = 40

Total = 300

Notaricon é uma palavra derivada do latim que significa *notario*. Do Notaricon existem duas formas. Na primeira, cada letra de uma palavra se toma como a abreviação de outra palavra, como que das letras de uma palavra se constroem uma frase. Cada letra da palavra, por exemplo, BRAShITH, Berashit, se comporta uma frase: BRAShITH RAH ALHIM ShIQBLV IShRAL ThVRH, Berashit Rahi Elohim Sheyequebelo Israel Tora: “No princípio os Elohim viram que o povo de Israel aceitava a lei”.

A segunda forma de Notaricon é exatamente o reverso da primeira. Quaisquer das letras que formam uma frase podem dar princípio a uma palavra ou a uma outra frase. Por exemplo, a Cabala se chama ChKMH NSThRH, Chokmah Nesethrah, “a sabedoria secreta”. Se tomarmos as iniciais de ambas, Ch e N, formamos a palavra j n, Chen, “graça”. Similarmente, das iniciais e das finais das palavras MI IOLH LNV HShMIMH, Mi Iaulah Leno Há-Shamayimah: “Quem subirá aos céus conosco?” Deut. 30-12), formam a palavra MILH, Milah, “circuncisão”, é o mesmo que dizer que IHVH ordenou a circuncisão como caminho para se chegar ao céu.

Temurah é a permutação. De acordo com certas regras uma letra pode ser substituída por outra que a anteceda ou que a preceda no alfabeto. Desta maneira, dá-se forma a uma outra palavra.

11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
K	I	T	Ch	Z	V	H	D	G	B	A
M	N	S	O	P	Tz	Q	R	Sh	Th	L

TzIRVP (Tziruph) – Tábua de Combinações

300	30	3	200	20	2	100	10	1
Sh	L	G	R	K	B	Q	I	A
600	60	6	500	50	5	400	40	4
M final	S	V	K final	N	H	Th	M	D
900	90	9	800	80	8	700	70	7
Tz final	Tz	T	P final	P	Ch	N final	O	Z

AIQ BKR (Aiq Bekar) – A Cabala dos Nove Quadrados

O estudo dos números é essencial para a compreensão dos mistérios da Iniciação, principalmente o estudo da Gematria. A única maneira de se aprender a utilizar todas essas técnicas é através de uma prática constante e um profundo sentido de observação e de discernimento. A inteligência é um requisito básico, tal como em qualquer outra área que envolva números e “relações íntimas”.

A Árvore da Vida

A Árvore da vida é o esquema mais importante de toda a Cabala e quando estudada de cima para baixo, nos mostra de maneira sistemática a “queda do homem” ou “o pecado original”. Esta queda nada mais é do que o motivo pelo qual Deus resolve encarnar um homem para que este possa realizar, na Esfera de Malkuth (a Terra), a Verdadeira Vontade: a grande Obra de Deus. Estudando-a de baixo para cima, temos o esquema e as etapas pelo qual o homem deverá percorrer para voltar a se fundir com (seu) Deus. Portanto, a Árvore da Vida é um esquema máximo de conhecimento e de iluminação, da “queda” e da “ascensão” da Alma que habita cada ser. Este esquema só pode ser comparado ao esquema oriental dos Chakras.

A primeira descrição que se tem notícia no ocidente de uma Árvore da Vida (ou Árvore Secreta) foi feita em uma publicação do *Bahir*, por volta do ano de 1200 da era cristã, na França. Sua descrição nos revelava uma Árvore de oito Esferas, indo de Binah à Malkuth. Esta Árvore da Vida era similar àquela publicada em 1617 por Robert Fludd. No entanto, a mais antiga e tradicional representação pode ser vista na Menorah ou Candelabro das Sete Luzes. Portanto, ela foi se aprimorando ao longo dos séculos, se adaptando a evolução da própria humanidade.

A Árvore da Vida tridimensional é o desenvolvimento da Árvore bidimensional colorida, que foi desenvolvida no século XIX, principalmente, pela *Hermetic Order of the Golden Dawn* e da, ainda mais secreta, O.Ŧ.A.Ŧ., que incorporavam as quatro Árvores conhecidas e utilizadas. Temos ainda uma citação de uma moderna Árvore da Vida de treze Esferas, mas o seu estudo transcende ainda a compreensão da maioria dos estudantes.¹

Como pode ser visto, a grande maioria das Árvores são compostas de dez (ou onze) Esferas. Assim sendo, contando de cima para baixo, a primeira Esfera é Kether e seu número sagrado é 111; a segunda é Chokmah e seu número sagrado é 222; a terceira é Binah e seu número sagrado é 333, assim como Daath que é uma Esfera invisível e cujo reflexo emana desta; a quarta é Chesed (ou Gedulah) e seu número sagrado é 444; a quinta é Geburah e seu número sagrado é 555; a sexta é Tiphareth e seu número sagrado é 666; a sétima é Netzach e seu número sagrado é 777; a oitava é Hod e seu número sagrado é 888; a nona é Yesod e seu número sagrado é 999; e a décima é Malkuth (ou Shekinah) e seu número sagrado é 1110 ou 111. Assim sendo, podemos perceber que Kether é o Alfa, o Início da Criação, e Malkuth é o Omega, o Fim dessa Criação.

Kether = Coroa

Chokmah = Sabedoria

Binah = Entendimento

Daath = Conhecimento

Chesed = Misericórdia (ou Compaixão)

Geburah = Severidade

Tiphareth = Beleza

Netzach = Eternidade (ou Vitória)

Hod = Reverberação (ou Glória)

Yesod = Fundamento

Malkuth = Reino

¹ Publicada pela primeira vez pela Sra. Ann Williams-Heller em seu livro: *Cabala, o Caminho da Liberdade Interior*, e que foi mais aprimorada por este que aqui escreve, em alguns documentos ainda não publicados. Nomeie esta nova Árvore da Vida como: Árvore do Esplendor de Deus.

Desde o início do século XX, alguns Iniciados vinham percebendo a necessidade do aprimoramento da Árvore da Vida, o primeiro Iniciado que expôs publicamente esta necessidade foi o mago inglês Aleister Crowley em um de seus Diários pessoais datado de 1920.

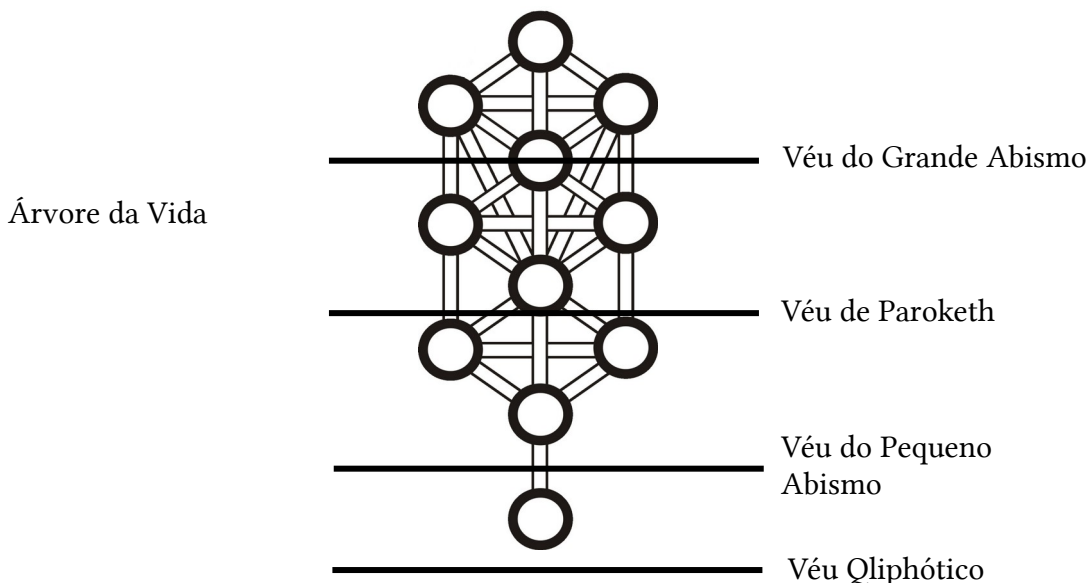
Acima e envolvendo a Árvore, mantendo-a e alimentando-a temos três Véus de Existência Negativa, que estão fora de qualquer compreensão humana e elas são: Ain (Negatividade), Ain Soph (o Ilimitado) e Ain Soph Aur (a Luz Ilimitada).

Cada Esfera, de cada uma das quatro Árvores da Vida, é representada por uma cor que é o resultado da emanção daquela Esfera e não algo atribuído artificialmente. Devemos nos lembrar de que no sistema hindu dos Chakras cada um deles possui sua própria cor e som, resultado de sua própria emanção ou “vibração”.²

Existem quatro Árvores da Vida como já dito anteriormente, mas, segundo alguns iniciados, ainda existiria uma quinta conhecida por Olam ha-Qliphot (Mundo das Conchas ou das Limitações), onde reinam todos os vícios, a ignorância e a inconstância humana, por isso ela é chamada de Árvore dos Demônios ou Árvore Infernal. Deixando de lado as nomenclaturas, devemos compreender que na verdade o ser humano comum, não Iniciado, vive realmente nesta quinta Árvore mais do que nas outras quatro.

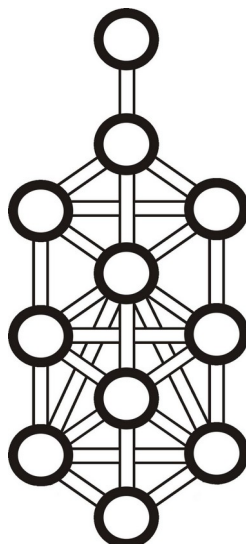
Cada uma dessas quatro Árvores (tradicionais) pode ser sintetizada em uma única se caracterizarmos cada Esfera com cada um desses mundos. Assim, Olam ha Atziluth é Kether e Chockmah; Olam ha Briah seria Binah, Daath, Chesed e Geburah; Olam ha Yetzirah seria Tiphareth, Netzach, Hod e Yesod; e Olam ha Assiah seria Malkuth. Esta simplificação é utilizada para facilitar o estudo e a compreensão do sistema, assim como o fato de se utilizar apenas uma Árvore (Briah). Olam ha Qliphot estaria colocada logo abaixo de Malkuth, como uma outra Árvore só que invertida.

Existem quatro véus que delineiam significativamente uma mudança de Consciência no ser humano que está em seu processo de ascensão pela Árvore. O primeiro véu, localizado abaixo de Malkuth é chamado de Véu Qliphótico; o segundo véu, localizado entre Yesod e Malkuth é conhecido por Véu do Pequeno Abismo; o terceiro véu, localizado entre Hod, Netzach e Tiphareth é conhecido por Véu de Paroketh; e o quarto véu, localizado entre Geburah, Chesed e Binah (cortando Daath) é conhecido por Véu do Grande Abismo. Todos esses Véus são de extrema importância e devem ser estudados profundamente por todos aqueles que realmente desejam compreender a Santa Cabala.



² Devemos aqui estudar um assunto importante, delicado e muito mal compreendido que são os Kalas, na tradição hindu.

Árvore Qliphótica

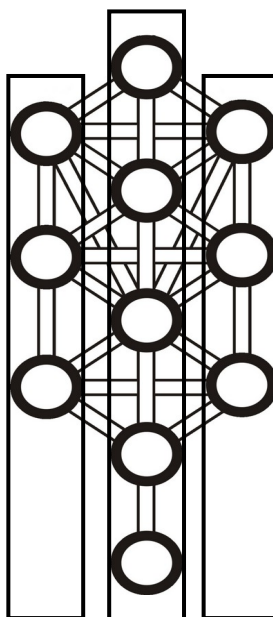


A Árvore da Vida tradicional está dividida em dez Esferas, ou Mundos de Emanação, que deverão ser conquistadas, e por vinte e dois Caminhos, que deverão ser percorridos. As Esferas estão representadas pelos Arcanos Menores do Tarot, que nos mostram as provas pelas quais teremos de passar, assim como qualidades a serem conquistadas. Os Caminhos estão relacionados pelas vinte e duas letras do alfabeto hebraico e pelos vinte e dois Arcanos Maiores do Tarot, que nos mostram os meios utilizados para se adentrar as Esferas.

Esta Árvore está dividida em três (sic) pilares, como veremos mais profundamente na Parte 2: o da esquerda é o Pilar da Severidade ou Pilar da Forma; o do meio é o Pilar da Suavidade ou Pilar do Equilíbrio; e o da direita é o Pilar da Misericórdia ou Pilar da Força. O Pilar da Severidade é assim chamada porque abrange três Esferas de enorme poder de criação e de formação, isto é, são Esferas que dão forma àquilo que ainda não possui. O Pilar do Equilíbrio é porque mantém os dois pilares “opostos” em harmonia e por conter Esferas que dão estabilidade ou apoio às duas outras. O Pilar da Misericórdia contém Esferas que estão muito mais voltadas às “ideias” abstratas, pois são Esferas com formas não definidas. A compreensão destes três Pilares é de extrema importância para qualquer Iniciado.

Pilar do Equilíbrio

Pilar da Severidade

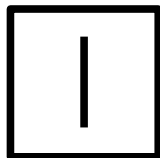


Pilar da Misericórdia

A Árvore Qliphótica

A Árvore Qliphótica se manifesta em todo e qualquer distúrbio mental apresentado no ser humano, como: esquizofrenia, psicopatia, neurose, paranoia, etc. Cada Esfera desta Árvore se manifesta em uma destas psicopatologias, sendo, em último caso, o desequilíbrio excedente de energias. Estas forças desequilibradas geram aquilo que algumas pessoas chamam de “ações e pensamentos malignos”, mas são apenas excesso de energia cósmica que estão bloqueadas. No entanto, o motivo de tais bloqueios são complexos demais para serem tratados aqui, no momento, mas esses são fruto de duas causas: algo ocorrido no decorrer da vida e de algo que está se passando no momento da vida. Qualquer excesso, distúrbio ou vício são manifestações qliphóticas.

Curiosamente, a Árvore Qliphótica existe para realizar o equilíbrio ou a passagem, entre uma Árvore e a seguinte, quando este não é realizado naturalmente. Estas cinco Árvores formam o quadrado, a estabilidade, com uma fenda no meio, simbolizando um rompimento momentâneo da evolução natural ou um processo violento e descontrolável de evolução.



Alguns cabalistas consideram esta Árvore como o monstro Leviatã, a serpente que rasteja por trás da Noiva do Microprosopos, Malkah, a Rainha de Malkuth - o mundo da matéria e dos seres humanos. Isto para indicar a existência de um mundo desequilibrado e caótico que existe por trás de cada ser humano. A questão é, quando estas energias são demais e saem do controle, os tais desequilíbrios ocorrem.

Esta Árvore é geralmente representada de ponta cabeça, por dois motivos: para mostrar o mundo da desconstrução de uma realidade; e para mostrar um mundo onde a evolução tende a seguir outro rumo. Não é sem motivo que o príncipe infernal que a rege é Samael, o anjo do veneno e da morte, sendo que a sua mulher é Isheh Zenumim, a rameira, cujo nome quer dizer Qliphoth, que também não é a toa.³ Da união dos dois surge a besta, na forma de uma cabra ou bode, formando assim a tríade infernal. Obviamente que existe aqui por detrás um conceito iniciático, apresentando, principalmente, o ser humano enquanto um animal irracional e descontrolado consigo mesmo e com tudo ao seu redor. Mostra um ser humano criminoso, desequilibrado e vicioso, que tortura e que se afasta do mundo ou Malkuth.

O ser humano desde que passou a acreditar no livre arbítrio, como forma de escapar do seu Destino, criou para a sua evolução esta Árvore. O livre arbítrio é o que gerou o sofrimento, pois a humanidade começou a criar a ideia de que a Felicidade poderia estar no acúmulo de bens materiais (Árvore de Assiah), ou na intelectualidade e nas ideologias políticas e religiosas (Árvore de Yetzirah), ou no amor e no amar a Deus acima de tudo (Árvore de Briah).⁴

³ Qlipha é a forma singular do nome Qliphoth e significa rameira, prostituta.

⁴ Existe uma história sumeriana que nos conta que: quando os deuses estavam para partir da Terra, teriam dito para a humanidade que a partir daquele momento ela estava por sua própria conta e presa ao seu Destino. No entanto, a humanidade se revolta contra tal ideia e pede aos deuses a Sorte (livre arbítrio). Espantados, por tal pedido, pois o Destino humano era se tornar em seres divinos como eles, os deuses, mais precisamente Enki que de todos era o mais afeiçoado à raça humana, concedem este favor, mas sem dizer que a Sorte iria levar irremediavelmente à realização do cumprimento do Destino.

O que esta história quer nos contar, e que tanto havia chocado os deuses, é que, ao invés de realizarmos o nosso Destino de maneira suave e natural, a partir daquele momento iríamos levar muito mais

Basicamente, Qliphoth é um mundo onde uma enorme confusão interior reina, onde todos os sentimentos e pensamentos não conseguem manter um estado de coerência e em uma única direção. Todas as vezes que um equilíbrio surge, ele não tem uma energia estável para manter a mente e as emoções em estabilidade. É um mundo onde a impermanência reina absoluta. O Irmão Negro, o Adepto que fracassa em seu Entendimento do Universo, se joga “conscientemente” para dentro desta Árvore, tornando-se incoerente em palavras e ações, e enlouquecendo lentamente.

As Esferas, os Arquedemônios e seus Vícios

Kether - Satã e Moloch - Duplicidade
Chokmah - Belzebu - Ignorância
Binah - Lucifuge Rofacale - Confusão
Chesed - Astaroth - Crueldade
Geburah - Asmodeus - Violência
Tiphareth - Belphegor - Discórdia
Netzach - Bael - Ódio
Hod - Adramelech - Insanidade
Yesod - Lilith - Enfermidade
Malkuth - Nahema - Obsessão

Sobre o Mal que compõe a Árvore

Acreditar no demônio com toda a sua legião de seres malignos nada mais é do que dar aval a existência de um deus bom e justo, com sua legião seres iluminados. Felizmente, ambos não passam da manipulação dos hierofantes das religiões e estas necessitam de tais crenças para continuarem existindo.

Crê-se que tal maniqueísmo tenha surgido com o zoroastrismo, religião que seria a mãe do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. No entanto, quando se analisa o pensamento de Zoroastro, percebe-se que existe ali um pensamento bem mais refinado e que não leva à um maniqueísmo; o maniqueísmo é fruto da mente dualística humana e não necessariamente de uma filosofia iniciática.

Um dos Iniciados que ostentava o título iniciático de Zoroastro⁵, segundo nos conta os relatos que chegaram até os dias atuais, teve contato com um anjo, o seu Anjo Guardião (Bom Pensamento), que o leva até a presença de Ahura Mazda (Sábio Senhor) e este por sua vez transmitira para o profeta as Ordens de Zurvan Akarana (O Tempo Que Não Foi Criado).⁶ Quando da presença de Ahura Mazda, eis que surge Ahriman ou Angra Mainyu (Espírito Destruidor) e assim começa a eterna luta entre o bem e o mau, que as demais religiões deram o seu toque sadomasoquista particular.

Por outro lado temos uma outra visão, que pode não estar correta, mas que para nós faz muito mais sentido. O Anjo do profeta o leva a conhecer o Tudo (ou Nada, se preferir), na figura de Zurvan, que se analisarmos atentamente está muito mais para conceitos iniciáticos profundos do que para a ideia do Nada. Na figura abaixo podemos contemplar sua imagem.

tempo para chegarmos na nossa real condição. Podíamos chegar mais rápido, mas são as nossas escolhas que muitas vezes atrasam a nossa evolução e que provoca, em última análise, o sofrimento.

⁵ O título Zoroastro, que se compara no ocidente ao título de Magister Templi e no hinduísmo de Paramahansa, quer dizer: o Camelo no Deserto.

Segundo alguns Historiadores haveria existido três Iniciados na Pérsia com este título e que apenas o terceiro é o Zoroastro conhecido.

⁶ A palavra Kala, hindu, quer dizer: Tempo eterno.



Sabemos que o leão é a representação iniciática do Adepto e que a serpente é a Sabedoria a qual ele deve estar atado. As asas simbolizam a sua ascensão divina; o globo é o mundo; os bastões simbolizam a Vontade; a placa é a representação da Lei que ele traz; as ferramentas simbolizam o trabalho no mundo.⁷ Etc., etc. Zurvan seria aquilo o que todo Adepto atingirá se seguir a Lei exposta no Zend Avesta.

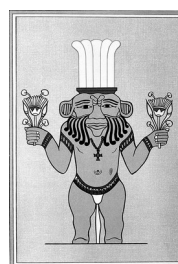
O que mais temos dentro desta Filosofia Iniciática? Tanto Ahura Mazda quanto Ahriman são características existentes em todos os seres humanos. Nós transitamos entre o bem e o mau (dualismo) constantemente ao longo do dia a dia; e isto na Cabala está relacionado ao que chamamos de Véu Qliphótico, o véu que separa Malkuth da Árvore da Vida de Malkuth da Árvore Qliphótica (invertida). O bem e o mau, a luz e a treva, o macho e fêmea, o alto e o baixo... são manifestações da matéria e elas não são necessariamente antagônicas, a questão está na maneira como as encaramos. Se forem vistas como algo absoluto elas geram não apenas a dualidade em si, mas o sofrimento tão propagado pelo Budismo. O sofrimento nada mais é do que a impermanência provocada pelo Véu Qliphótico.

Ahura Mazda é o nosso lado divino, enquanto que Angra Mainyu é o nosso ego. Para que possamos nos tornarmos em Ahura Mazda precisamos dos Amesha Spenta (Imortais Sagrados), que seriam seres imortais que auxiliam Ahura Mazda na realização de seus desígnios e estes são: Vohu-Mano (Espírito do Bem), Asa-Vahista (Retidão Suprema), Khsathra Varya (Governo Ideal), Spenta Armaiti (Piedade Sagrada), Haurvatat (Perfeição) e Ameretat (Imortalidade). Obviamente que estes “imortais” não são seres divinos, mas qualidades e práticas a serem realizadas e que nos levam à imortalidade. Este processo começa com: bons pensamentos, boas palavras e boas ações. São estas três práticas iniciais que levam os seus adeptos a pisarem Malkuth, dentro da Iniciação zoroástrica. Quando o Adepto atinge o Sábio Senhor, ele estará na presença de Zurvan, algo similar ao estado do Nirvana ou Morte.

Curiosamente, Ahriman é representado também por um leão, que neste caso simboliza a nossa natureza animal, bestial; tal como Bes, o deus anão e deformado, representava o ser humano na tradição egípcia.



Ahriman



Bes

⁷

O Zoroastrismo foi a primeira religião a dizer que é preferível trabalhar do que rezar (pedir) à Deus.

Naturalmente que o mal que compõe a Árvore Qliphótica são condições internas ao ser humano e não fruto de forças malignas externas. Nenhuma das grandes filosofias iniciáticas existentes acredita em forças naturais demoníacas, mas elas dizem que se a dualidade não for devidamente compreendida ela gerará a ilusão no mundo material da qual ela se origina e que a mesma acabará por nos levar ao sofrimento. Portanto, o sofrimento que o Budismo tanto fala pode ser evitado, apesar dele nada ter a ver com a tristeza que todos os seres humanos podem experimentar ao longo da vida, como a perda de um ente querido.

O demônio, o mal ou as Qliphoth são estados de uma distorção da realidade, que podemos chamar de divina ou natural. No passado, aqueles povos deram nomes de demônios às nossas doenças e vícios descontrolados, como se estes fossem os responsáveis pelos males que nos afligem.

Muitos estudiosos dizem que o Zoroastrismo e muitos acreditam que se trata de uma religião maniqueísta, que acredita em um Deus bom e um Demônio mau. Porém, quando olhamos atentamente os seus escritos percebemos que a mesma fala de dois estados internos no ser humano, o que não poderia ser diferente, com Mithra, o nosso Sagrado Anjo Guardião ou Guru Interno, sendo Aquele que domina e controla a besta na forma do touro.

Os Elementos Corrompidos

Fogo negativo - arrogância

Água negativa - ganância

Ar negativo - palavra supérflua

Terra negativa - melancolia

Os Estados da Alma

Três são os estados da alma na Cabala. Neshamah é o estado mais elevado de consciência (divino). Ruach se equipara ao coração ou a vontade, é o centro da consciência externa das formas de pensamento (humano). Nefesch é a natureza inferior e o inconsciente pessoal (animal). Esta por sinal está mais próxima da ação em Qliphoth. Cada um destes estados também podem ser equiparados na Alquimia com as três Obras: Vermelha, Branca e Negra. Estas por sua vez têm como base: Daath, Tiphareth e Malkuth.

Alguns cabalistas dizem que Neshamah se relaciona com a três Esferas superiores da Árvore da Vida; Ruach estaria relacionado com Chesed até Yesod; e que Nefesch com a Esfera de Malkuth. No entanto, sabemos que Neshamah se relaciona com Kether, Chokmah, Binah e Daath; Ruach com Chesed, Geburah e Tiphareth; e Nefesch com Netzach, Hod, Yesod e Malkuth. A explicação é simples, se Nefesch se relacionasse apenas com Malkuth, não poderia haver evolução, pois o ser humano não é apenas matéria, mas fruto de um inconsciente individual, coletivo e “racial”. É necessário todo um estado de evolução para que a alma possa sair do seu estado animal até atingir um estado divino.

Além do que foi dito acima, a alma passa por quatro Árvores ou Níveis de Evolução, conhecidas como Olam ha Assiah, Olam ha Yetzirah, Olam ha Briah e Olam ha Atziluth. Estas Árvores da Vida possuem onze Esferas ou níveis de consciência: no mundo material, no mundo intelectual, no mundo emocional e no mundo espiritual.

De forma prática, as quatro Árvores da Vida mostram como que cada ser humano em seu processo de evolução busca pela Felicidade. Devemos lembrar que, segundo a Teosofia, antes de termos uma alma individualizada possuíamos uma alma animal, coletiva. O processo de individualização não cabe aqui pormenorizar, mas geralmente é através de uma outra alma já individualizada, como descrevermos mais adiante.

Na Árvore de Assiah (Olam ha Assiah) acredita-se que a Felicidade está no acúmulo de riquezas e de bens materiais, e toda ação é na busca deste tipo de Felicidade. É uma Árvore materialista em seu sentido mais exato e as pessoas desta encaram a espiritualidade como um teatro, de maneira material, na adoração de símbolos externos. É interessante notar que quando se atinge o ápice de tal Árvore, ou seja, Kether, elas se conscientizam de que ter tudo que o mundo material pode oferecer não lhes traz a tal Felicidade. Naturalmente elas deveriam se desapegar de tais ideias e passarem de Kether de Assiah para Malkuth da Árvore de Yetzirah.

Na Árvore de Yetzirah (Olam ha Yetzirah) acredita-se que a Felicidade pode ser encontrada através da racionalidade, do ateísmo, da intelectualidade e nas ideologias políticas. Por causa da intelectualidade que opera nesta, tais pessoas acreditam que são elas quem *formam* o mundo em que todos vivemos. Curiosamente, as religiões são formadas nesta Árvore e a maioria das pessoas religiosas não acreditam na própria religião. Se encara a espiritualidade através da intelectualidade e de ideias livrescas. Em Kether desta Árvore deveriam se desapegar de tais ideias para poderem atingir Malkuth da Árvore de Briah.

Na Árvore de Briah (Olam ha Briah) a Felicidade é vista no amor, pelos outros e por Deus, no amor pela Natureza e por todos os seres viventes. As pessoas que se encontram em tal Árvore estão próxima da experiência Divina, daí o motivo de acreditarem que o amor é o caminho para a Felicidade. Aqui, a crença na *criação* do mundo através do amor faz com a busca pela verdadeira espiritualidade seja intensa. O ato de atingir Kether desta Árvore leva à experiência direta com Deus e à frustração de perceber que o mesmo não tem nenhuma relação de amor para com eles. A relação é puramente de Trabalho e de Obediência. Assim, deveria haver o mais profundo desapego para poder ir na direção de Malkuth da Árvore de Atziluth.

Como foi dito acima, sempre deveria haver o desapego em relação à Árvore em que se encontra, a partir do momento que se toma consciência de que a mesma não levou à Felicidade. Se tal não acontecer, e como não podemos deter o processo natural da evolução,

entraremos na próxima encarnação na Árvore Qliphótica (Olam ha Qliphot). Sendo que a natureza desta Árvore é o da desconstrução do mundo conhecido, como já mencionado anteriormente.

Na Árvore de Atziluth (Olam ha Atziluth) ao invés de ser o Mundo Arcangélico, como muitos autores citam, é o mundo onde a Felicidade *emana* da realização da Grande Obra ou da Verdadeira Vontade. É uma Árvore totalmente espiritual no sentido mais profundo, descrito nos mais importantes grimórios de Iniciação e nos mais verdadeiros livros de Alquimia. Aqui o Trabalho se dá ao lado de Deus e cujo objetivo é Iluminar a humanidade com uma Luz que poucos verão. Nesta Árvore não existe mais o livre arbítrio, como existia nas demais, pois toda a ação, tudo ao que é dado forma e toda criação é para emanar a Vontade de Deus. Kether desta Árvore demarca o fim de todo o processo evolutivo neste planeta, nesta dimensão, é o atingir a Felicidade Suprema.

As almas, obviamente, são andróginas em seu estado natural; são de natureza bissexual e isto se reflete no comportamento humano quando no mundo físico. Inicialmente, a alma se identifica com a natureza feminina e as primeiras encarnações se dão neste gênero. Ao longo de sucessivas encarnações, a alma vai se identificando com uma natureza masculina. Isto não quer dizer que o masculino seja melhor que a feminino ou vice-versa, são apenas estágios evolutivos de extrema importância. Pessoas que sentem atração e preferência pelo mesmo sexo, estão em um processo de transição de um gênero para outro na atual encarnação. Portanto, o estudo da Cabala requer uma necessidade mental mais aberta.

O ser humano ao dizer “Cogito, ergo sum”, é porque possui uma alma individualizada e não mais coletiva como a dos animais. Esta individualização ocorre graças Àquele que chamamos de Anjo Guardião que, ao realizar um Rito de Sangue, individualiza aquela alma animal, dando à ela um Nome e uma Vontade. Este profundo ato de Amor é o que irá unir ambos, Espírito & Alma, para sempre.

As Esferas da Árvore da Vida

Malkuth

Nome: Reino

Imagem mágica: uma jovem rainha coroada, sentada em um trono

Títulos conferidos: a Porta; a Porta da Morte; a Porta das Trevas da Morte; a Porta das Lágrimas; a Porta da Justiça; a Porta do Coração; a Porta da Filha dos Poderosos; a Porta do Jardim do Éden; a Mãe Inferior; Malkah, a Rainha; Kallah, a Noiva; a Filha; a Virgem

Nome divino: Adni Malekh (Senhor e Rei) ou Adni ha Aretz (Senhor da Terra).

Arcanjo: Sandaephon

Experiência espiritual: a Visão do Sagrado Anjo Guardião

Virtude: discriminação

Vício: avareza e inércia

Microcosmo: os pés e o ânus

Símbolos: o altar de duplo cubo; a cruz grega; o círculo mágico e o triângulo da arte

Tarot: os quatro dez e as Princesas

Planeta: Terra

Yesod

Nome: Fundamento

Imagem mágica: um belo homem nu e forte

Títulos conferidos:

Nome divino: Shaddai el Chai (o Deus Vivo Todo Poderoso)

Arcanjo: Gabriel

Experiência espiritual: a visão do mecanismo do universo

Virtude: independência

Vício: ociosidade

Microcosmo: os órgãos reprodutores

Símbolos: os perfumes e as sandálias

Tarot: os quatro noves

Planeta: Lua

Hod

Nome: Reverberação ou Glória

Imagem mágica: um hermafrodita

Títulos conferidos:

Nome divino: Elohim Tzabaoth (o Deus das Hostes)

Arcanjo: Mikael (ou Miguel)

Experiência espiritual: visão do esplendor

Virtude: veracidade

Vício: falsidade e desonestidade

Microcosmo: os quadris e a perna direita

Símbolos: nomes e versículos, e o avental

Tarot: os quatro oitos

Planeta: Mercúrio

Netzach

Nome: Eternidade ou Vitória

Imagem mágica: uma bela mulher desnuda
Títulos conferidos: a Firmeza
Nome divino: Jehovah Tzabaoth (o Senhor dos Exércitos)
Arcanjo: Auriel
Experiência espiritual: a visão da beleza
Virtude: desprendimento
Vício: luxúria
Microcosmo: os rins, os quadris e a perna esquerda
Símbolos: a lâmpada, o conto e a rosa
Tarot: os quatro setes
Planeta: Vênus

Tiphareth

Nome: Beleza
Imagem mágica: um rei majestoso e velho, uma criança e o deus sacrificado
Títulos conferidos: o Rosto Menor; o Rei; Adão; o Filho; o Homem
Nome divino: Aloah Va Daath (o Forte do Conhecimento)
Arcanjo: Rafael
Experiência espiritual: a visão da harmonia das coisas e os mistérios da crucificação
Virtude: devoção à Grande Obra
Vício: orgulho
Microcosmo: o peito
Símbolos: o lamen; a rosa cruz; a cruz do calvário; a espada; a pirâmide truncada; o cubo
Tarot: os quatro seis e os Príncipes
Planeta: Sol

Geburah

Nome: Severidade ou Força
Imagem mágica: um poderoso guerreiro em seu carro de guerra
Títulos conferidos: justiça (Din) e medo (Pachad)
Nome divino: Elohim Gebor (Deus das Guerras, Deus Todo Poderoso ou Deus, o Potente)
Arcanjo: Khamael
Experiência espiritual: a visão do poder
Virtude: energia e coragem
Vício: crueldade e destruição
Microcosmo: o braço direito
Símbolos: o pentágono; a rosa Tudor de cinco pétalas; a espada; a lança; o açoite e a corrente
Tarot: os quatro cinco
Planeta: Marte

Chesed

Nome: Misericórdia
Imagem mágica: um poderoso rei coroado e sentado em seu trono
Títulos conferidos: amor e majestade
Nome divino: El (Deus; o Todo Poderoso)
Arcanjo: Tzadkiel
Experiência espiritual: a visão do amor
Virtude: obediência
Vício: fanatismo, hipocrisia e tirania

Microcosmo: o braço esquerdo

Símbolos: a figura sólida; o tetraedro; a pirâmide; a cruz de braços iguais; o orbe; o bastão; o cetro; o cajado

Tarot: os quatro quatro

Planeta: Júpiter

Daath

Nome: Conhecimento

Imagem mágica: uma cabeça com duas faces que olham para lados opostos

Títulos conferidos: a Morada do Suicida; a Morada da Solidão; o Caminho no Deserto da Devastação...⁸

Nome divino: o Brilhante Filho da Aurora⁹

Arcanjo: os Arcanjos das quatro grandes torres de vigia; Lúcifer¹⁰

Experiência espiritual: a visão do portal do Abismo

Virtude: a visão da ilusão; desapego

Vício: a visão distorcida da realidade; o conhecimento; a avareza

Microcosmo: a garganta relacionada à fala

Símbolos: o deserto; o oceano tempestuoso à noite¹¹

Tarot: a Morte e a Lua

Planeta: Urano¹²

Binah

Nome: Entendimento

Imagem mágica: uma mulher madura; um bebê no útero

Títulos conferidos: a Mãe estéril e obscura (Ama); a Mãe fértil e brilhante (Aima); o Trono; Marah, o Grande Mar

Nome divino: Jehovah Elohim (o Senhor Deus ou Deus dos Deuses)

Arcanjo: Tzaphkiel

Experiência espiritual: a visão da dor

Virtude: o Silêncio

Vício: -

Microcosmo: o lado direito do rosto

Símbolos: o yoni; o kteis; a vesica piscis; a taça; o manto (externo) do ocultamento

Tarot: os quatro trêes e as Rainhas

Planeta: Saturno

Chokmah

Nome: Sabedoria

Imagem mágica: uma figura masculina e barbada; o Phallus

Títulos conferidos: o Poder de Formação; Abba, o Pai Supremo; o Yod

Nome divino: Jehovah (o Senhor)

Arcanjo: Ratziel

Experiência espiritual: a visão de Deus face a face

Virtude: devoção

⁸ Atribuição dada por este autor.

⁹ Atribuição dada por este autor.

¹⁰ Atribuição dada por este autor.

¹¹ Atribuição dada por este autor.

¹² Caracteriza a necessidade de se adquirir uma consciência superior e, por outro lado, é aquilo que não se tem mais controle: é a mudança, a transformação através de uma grande catástrofe.

Vício: -

Microcosmo: o lingam; o Phallus; o Yod; o manto interno da Glória; o pedestal; a torre; o cetro ereto do poder; a linha reta

Tarot: os quatro dois e os Cavaleiros

Planeta: Netuno

Kether

Nome: Coroa

Imagem mágica: um velho rei barbado visto de perfil

Títulos conferidos: a Existência das Existências; o Segredo dos Segredos; o Antigo dos Antigos; o Velho dos Dias; o Ponto Primordial; o Ponto no Círculo; o Altíssimo; o Rosto

Imerso; a Cabeça Que Não Existe; Macroprosopos; Amem; L.V.X. (Luz Interna e Oculta)

Nome divino: Eheieh (Eu Sou O Que Sou ou Estarei Lá; o Eterno)

Arcanjo: Metatron

Experiência espiritual: a união com Deus em definitivo

Virtude: a realização da Grande Obra

Vício: -

Microcosmo: o crânio; a centelha divina; o lótus de mil pétalas

Símbolos: o ponto; a coroa; a suástica

Tarot: os quatro Ases

Planeta: Plutão

Escala de Cores das Árvores

Atziluth

Kether – branco brilhante
Chokmah – azul claro suave
Binah – carmesim
Daath – azul e dourado¹³
Chesed – violeta escuro
Geburah – laranja
Tiphareth – rosa claro
Netzach – âmbar
Hod – púrpura e violeta
Yesod – índigo
Malkuth – amarelo

Briah

Kether – branco brilhante
Chokmah – azul claro suave
Binah – negro
Daath – negro com pontos prateados¹⁴
Chesed – azul
Geburah – vermelho escarlate
Tiphareth – amarelo ouro
Netzach – esmeralda
Hod – laranja
Yesod – violeta
Malkuth – citrino, oliva, castanho avermelhado e negro

Yetzirah

Kether – branco brilhante
Chokmah – cinza pérola
Binah – marrom escuro
Daath – negro¹⁵
Chesed – púrpura vibrante
Geburah – escarlate
Tiphareth – rosa salmão intenso
Netzach – verde amarelado brilhante
Hod – vermelho rosa
Yesod – citrino salpicado de azul
Malkuth – citrino, oliva, castanho avermelhado e negro, salpicado de dourado

Assiah

Kether – branco salpicado de ouro
Chokmah – branco salpicado de vermelho, azul e amarelo
Binah – cinza salpicado de rosa

¹³ Atribuição dada por este autor.

¹⁴ Atribuição dada por este autor.

¹⁵ Atribuição dada por este autor.

Daath – branco intenso¹⁶
Chesed – azul forte salpicado de amarelo
Geburah – vermelho salpicado de negro
Tiphareth – âmbar dourado
Netzach – oliva salpicado de dourado
Hod – preto amarelado salpicado de branco
Yesod – púrpura escuro
Malkuth – preto com listras amarelas

¹⁶ Atribuição dada por este autor.

Os Trinta e Dois Caminhos em Aforismas

- 1º – Esta é a grande recompensa que todos os seres humanos atingirão ao final de sua jornada, é a coroação de todos os esforços que nos levou ao nosso estado divino.
- 2º – Aqui se atinge a Sabedoria adquirida pela realização da Vontade ou a Grande Obra.
- 3º – O Entendimento de como se realiza a Vontade é fundamental.
- 4º – A disciplina e o amor são aquilo que nos fazem abrir mão de todo o poder.
- 5º – Nos deparamos com os nossos conflitos internos e fazemos deles uma guerra, não contra ninguém além de nós mesmos.
- 6º – Encontramos aqui uma profunda harmonia, alegria e plenitude, mas que infelizmente não durarão por muito tempo.
- 7º – O amor humano é vicioso e egoísta, porque sempre em primeiro lugar estamos nós mesmos, mesmo quando adoramos a deus.
- 8º – A inteligência humana é tanto uma aliada quanto uma inimiga.
- 9º – Temos aqui a ilusão que a mente inconsciente está mergulhada e que ao mesmo tempo cria a realidade.
- 10º – O mundo da matéria é onde nascemos, mas que não é obrigatoriamente onde apenas devemos viver ou conhecer.

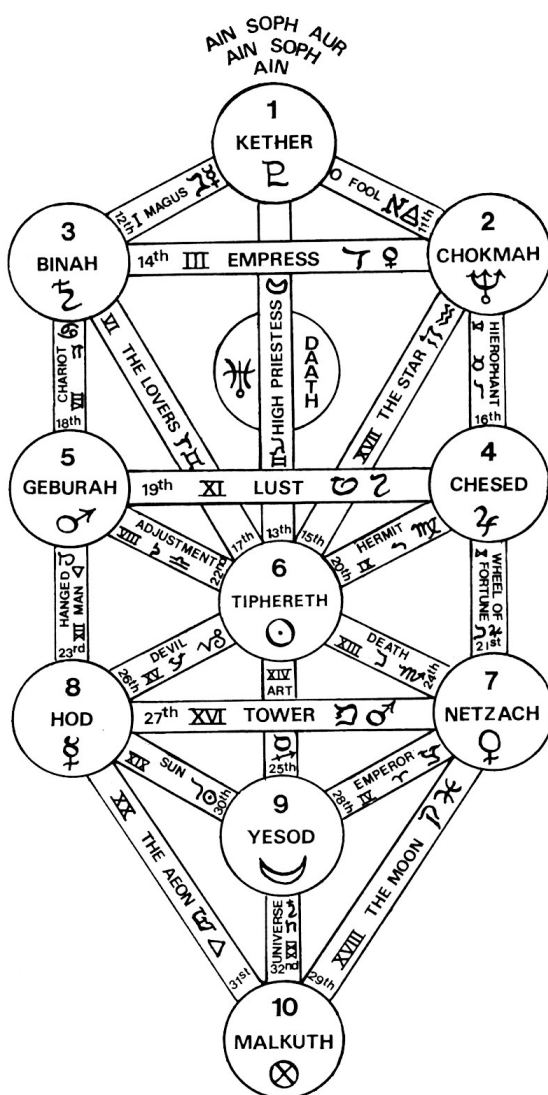
- x -

- 11º – Aqui temos o rompimento do conhecimento comum e teórico, para nos depararmos com o verdadeiro conhecimento do amor.

- x -

- 11º – A coroação da existência humana está na conquista da nossa Sabedoria.
- 12º – E a coroação também se encontra naquilo que fazemos e deixamos para a humanidade.
- 13º – Assim, trazemos ao mundo uma Luz que é o reflexo da L.V.X. divina.
- 14º – As mulheres têm como talento a organização do mundo material e nesta organização também é possível se atingir a Sabedoria.
- 15º – Todo ser humano que irradia sua Luz no mundo através da sua Sabedoria se torna em uma Estrela.
- 16º – Nunca devemos utilizar da nossa Sabedoria ou do nosso conhecimento para obtermos poder sobre o outro.
- 17º – Aquela pessoa que entende como transmitir sua Luz para o mundo, é um amante da humanidade.
- 18º – Aquele que não entende que a violência não leva à Sabedoria, estará sempre em guerra consigo mesmo e nunca cumprirá com o seu Destino.
- 19º – A verdadeira força é o equilíbrio entre a ação e a passividade.
- 20º – O verdadeiro Mestre é aquele que expõe a Luz sem obrigar o outro a aceitá-la.
- 21º – A felicidade não é encontrada nem no amor e nem no poder, mas no cumprimento da Vontade.
- 22º – O ajustamento do mundo está entre a harmonia daquilo que se conhece e aquilo que ainda não foi conhecido.
- 23º – Nunca se deve obrigar ninguém a aprender aquilo que não se quer, muito menos pela força.
- 24º – A verdadeira morte está no não conhecimento do amor.
- 25º – A verdadeira alquimia está em saber lidar com as trevas e com a luz em nós mesmos.
- 26º – Devemos aprender a nos comunicar com clareza para que o conhecimento seja corretamente compartilhado.

- 27º – É o desequilíbrio entre razão e emoção que provoca uma grande parte das confusões do mundo.
- 28º – O ser humano está perdido entre a ilusão do mundo material e a ilusão do mundo emocional.
- 29º – É a falta da busca pela Sabedoria que faz com que o conhecimento gere violência.
- 30º – É pelo conhecimento que a humanidade consegue superar as ilusões do mundo material.
- 31º – Mas só quando abrimos mão do poder e do controle sobre os demais que conseguiremos transmutar o conhecimento em Entendimento da existência.
- 32º – A evolução só começa quando percebemos que as nossas vidas estão permeadas de ilusões.



Da Natureza Prática das Esferas

O presente estudo não tem por objetivo oferecer as ideias cabalísticas clássicas de cada uma das Esferas, mas o de oferecer uma visão prática e iniciática, proporcionando ao estudante e ao leitor uma experiência do que realmente se passa em cada uma delas. Não temos a intenção de dizer que a nossa visão é a verdadeira, mas tentamos apenas expressar, por alto, os ordálios que compõe cada Esfera.

É necessário dizer que, os Planetas que regem tais Sephiroth possuem uma natureza bem diferente daquelas que são estudadas na Astrologia. Também que, cada Esfera lateral da Árvore da Vida são a emanção da Esfera central logo acima. Assim, Malkuth é a emanção direta da Esfera de Yesod, assim como Hod e Netzach são emanções da Esfera de Tiphareth, e assim por diante. No caso de Malkuth, é compreensível o motivo pelo qual em antigas Árvores da Vida não existir a tal Esfera, terminando a mesma em Yesod.

Malkuth – O Reino

É o mundo físico e, geralmente, é dito que o ser humano vive neste mundo da matéria. Na prática não é bem assim que se passa, pois podemos estar fisicamente no plano da matéria, mas a nossa mente – que também faz parte do plano da matéria – se encontra naquilo que chamamos de Véu Qliphótico. Por causa disto é que existe a dissociação humana entre aquilo que se quer e aquilo que se tem. A inconstância é o que permeia o mundo de Malkuth, até o momento que tomamos uma decisão definitiva em nossas vidas, assim, a mente e o corpo se unem na direção do mesmo objetivo, deixando de lado a impermanência ou os desejos sem objetivo.

Véu do Pequeno Abismo

Este é o Véu da distorção que separa Malkuth de Yesod. Este se caracteriza pela visão catastrófica do futuro, pois separa o mundo das ilusões do mundo tal como o conhecemos. Tudo ao passar por este Véu é distorcido em sua forma, ideia e emoção.

Yesod – Fundamento

Este é o mundo da ilusão que gera o mundo de Malkuth; sendo um mundo plástico, nele quase tudo é possível de ser realizado. Este é o mundo que se caracteriza pelo mergulho no inconsciente individual. Yesod é subdividido em sete mundos, daí o motivo dele ser representado por um arco-íris. É a Esfera da feitiçaria e da “magia negra” propriamente dito, onde as influências espirituais se mesclam com as manifestações compensatórias do inconsciente. Por estar entre Tiphareth e Malkuth, é necessário saber diferenciar as manifestações de ambos. Esta é a primeira grande Esfera de iniciação, onde passamos alguns anos até termos a maestria sobre ela.

Hod – Reverberação

Aqui temos o mundo do inconsciente coletivo, onde se é possível acessar toda e qualquer experiência humana. Apesar de possuir regras rígidas para tal acesso, é possível resgatar ideias e pensamentos de todos os seres humanos vivos ou que já passaram pela Terra. Aqui as experiências humanas ficam depositadas após o término da vida. Também, neste mundo, é possível acessar determinados “seres divinos”; o grande perigo é que neste mundo é onde as religiões são criadas baseadas na experiência pessoal, mas que não servem

para a humanidade. Quando se pensa em magia, tal como a mente comum imagina, se está falando desta Esfera.

Netzach – Vitória

Aqui nos deparamos com o mundo da ilusão emocional, que é a devoção à alguma coisa considerada divina. Sendo a Esfera da Bhakti Yoga, aqui somos arremessados de joelhos na direção de uma ilusão provocada pelo amor egoico. É, por outro lado, nesta Esfera que descobrimos a nossa “linhagem mágica”, por conta do acesso a determinados “seres divinos”. É uma das mais complicadas Esferas de iniciação, pois diante desta se encontra o Véu de Paroketh. Aqui a ideia e o sentimento de “amor à Deus” deve perecer para que se possa continuar. A mente deve aprender a se focar no real objetivo e não nos sentimentos superficiais que foram sentidos até então.

Véu de Paroketh

Neste Véu todo o sentimento ou ideia em relação à Deus ou ao divino deve cessar. Perde-se a fé e a esperança em tudo aquilo que se acreditava até então, até mesmo Naquele que é o fruto da nossa Busca. Aqui a nossa Aspiração é pela primeira vez testada em toda a sua plenitude. O que nos faz continuar praticando é senão o hábito pelas nossas práticas. Não se pensa mais em crescimento espiritual ou mesmo em nosso Amado Anjo, há apenas um grande vazio ocasionado pela superação da Esfera de Netzach.

Tiphareth – Beleza

Assim, chegamos naquilo que é conhecido por Conhecimento e Conversação do nosso Sagrado Anjo Guardião (ou Ser Crístico, Eu Interior, Guru interior, Self...). Temos aqui o grande Êxtase místico, um estado que muda completamente a nossa consciência. Há momentaneamente uma União entre a nossa consciência e a Consciência Dele. No entanto, e infelizmente, é uma experiência momentânea que nunca mais voltará a acontecer. Apesar disto, existe uma mudança radical na nossa Inteligência que nos tornará aptos a lidarmos com Ele dali em diante. O que acontece com cada ser humano nesta Esfera é tão particular que não nos cabe expressar neste pequeno trabalho: há três Naturezas e elas precisam seguir com seus Destinos.

Geburah – Severidade

Nesta Esfera estamos diretamente sob a Instrução do nosso Amado. Esta é a segunda e mais complexa Esfera de iniciação, depois de Yesod, onde passamos alguns anos tentando aprender a ver o mundo sob a ótica do nosso Anjo. Muitos bons iniciados pereceram nesta Esfera por um ou por outro motivo, mas nunca porque rompeu com o seu Juramento, se assim for, aquele terá se tornado no pior de todos os Irmãos: antes a morte. É necessário dizer que o nosso Sagrado Anjo nada nos ensina, Ele apenas levanta questões que precisam ser aprendidas por nós mesmos e isto acontece porque Ele está nos preparando para atravessar a Esfera de Daath por nossa própria conta e risco. Não é a toa que esta Esfera emana uma Guerra Espiritual dentro de cada um, uma guerra que nos obrigada a deixarmos de olhar o mundo da nossa maneira para conhecermos com um outro olhar. Os maiores e mais importantes ritos de magia são realizados nesta Sephiroth. A compreensão dos mais importantes sistemas de iniciação são adquiridos aqui. Superar Geburah é o mesmo que dizer que se está quase apto a entrar na Esfera de Daath.

Chesed – Misericórdia

Esta é a Esfera da obediência. Aprendemos a obedecer e a realizar toda e qualquer tarefa que nos é “imposta”. Abrimos mão aqui do nosso poder, pois quem aqui chega é Mestre em Magia. Obedecemos humildemente, pois o leão se curvou diante da beleza. Aqui, escrevemos nossa teoria sobre o Universo tal como o concebemos, fruto da nossa experiência direta. Apesar do pouco tempo em que se passa nesta Esfera, este é necessário para a preparação final para Daath. O Samadhi está próximo e sabemos que quando chegar não haverá volta...

Daath – Conhecimento

Todo conhecimento humano é baseado em teorias e agora sabemos que todas as teses possuem uma antítese. O problema do Sofrimento não é a manifestação do plano físico, já que sabemos que toda manifestação é fruto de uma dualidade e que toda dualidade gera ilusão que gera desejo, e, assim, o desejo gera o Sofrimento. O problema está não na dualidade, mas no fato de optarmos por um lado da dualidade em detrimento do outro, que não deixará de existir por causa disso. Dane-se o Sofrimento, com sua dualidade, com sua ilusão e com o seu desejo! O necessário é atingir a síntese de todas as coisas e anular a dualidade com a percepção do Todo. Tolas são estas palavras! Fundamental é o conhecimento do Amor, pois ele une tudo o que está dividido. Nada somos! Nada seremos! A Criança nada deve conhecer, pois ela já nasceu. Conhecemos aquela Mulher do nosso Coração, coberta com o Sangue do nosso Sacrifício, e suas lágrimas secaram o inferno e regaram os campos por onde a Vida nascerá. Ela é quem nos Libertou! É para ela que tudo será feito, até o fim dos tempos. A Loucura e o Sofrimento foram conhecidos. O Universo foi visto em sua total Harmonia e nunca mais poderemos tentar enganá-lo. Aquele que assim não diz é mais Negro do que a cegueira do insano e que ele pereça em seu Inferno. A Morte não mais nos deseja; ela cortou o seu próprio pé enquanto nós dançávamos com as estrelas...

Binah – Entendimento

Agora temos o Entendimento de como realizar plenamente a nossa Verdadeira Vontade. Aquela Casa agora está habitada e Deus se ocultou naquela carne sustentada por ossos e músculos, naquele Cadáver andante. Há muito o que realizar, tantos trabalhos e uma vida tão curta. O Mestre deixa a si mesmo de lado para compartilhar o pouco que sabe, ele diz que qualquer um é capaz, mas poucos o escutam.

Chockmah – Sabedoria

A nossa Grande Obra é atingir a nossa Sabedoria, pois ela sempre foi a nossa Aspiração. Há uma Palavra em Nome de Deus e este resume toda a Obra. Olhamos para a nossa mão esquerda e nada mais resta.

Kether – Coroa

Temos aqui a Grande Recompensa, prometida desde Malkuth. A única coisa que se pode dizer é que aqui temos a Morte e ela nada mais é do que a Continuidade...

Além daqui tudo é especulação, melhor, tolice.

A Cabala do Sexo
por
Claudio D. Breslauer

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Os primeiros ritos de caráter mágico e iniciático foram seguramente ritos de fertilidade que visavam assegurar a procriação e a consequente sobrevivência da tribo, já que a taxa de mortalidade, sobretudo entre crianças, nos primórdios da Humanidade era muito alta. Isso sem levar em consideração que esta mesma fertilidade também era necessária à terra para a alimentação de toda a tribo.

A mulher de ancas largas e grossas coxas era o protótipo de fertilidade - e, consequentemente, da Deusa - que escolhia os homens mais robustos e corajosos para obter a graça de seu orgasmo. Era o caráter mais incisivo do que hoje chamamos de lei da sobrevivência, onde apenas o melhor teria condições de sobreviver; e o melhor só poderia ser gerado por bons genes.

Todo o processo de fertilização sempre coube à mulher, pois que nos primórdios da Humanidade não se reconhecia nem mesmo a necessidade do macho engendrar a fêmea. A procriação era tida como função exclusiva e espontânea da mulher, e a mulher era soberana em seu meio ambiente, quando a Humanidade se amontoava em cavernas para se aquecer durante a era glacial.

Com a conscientização do caráter procriativo da união sexual entre macho e fêmea, o sexo passou a ser encarado como uma função sagrada. A união entre o homem e a mulher tornou-se um rito que era oferecido aos deuses. O mais elementar e mais primordial ritual mágico da Humanidade. Dele dependia a continuidade de toda a tribo, e consequentemente, de toda a raça.

Homens e mulheres sabiam que o rito sexual era um elo de ligação com algo desconhecido e grandioso, elo este que não se havia perdido nos meandros do tempo, capaz de elevá-los aos deuses através do êxtase do gozo.

A História nos confirma que, mesmo em épocas nas quais o sexo era um tabu, os ritos sexuais não deixaram de se propagar e subsistir ao tempo. Embora sendo o sexo uma das primeiras formas de êxtase capaz de elevar a mente humana à divindade que o próprio homem representa, o sexo sempre marchou paralelo e marginal ao desenvolvimento da civilização, ao menos em nossa cultura ocidental, sobrevivendo ao preconceito sobretudo após o recrudescimento do poder cristista/católico em todo o mundo [ocidental]. O sexo e os rituais sexuais foram então recriminados e expurgados da sociedade como um mal terrível e demoníaco. O celibato tornou-se regra mas, afortunadamente, o êxtase sexual possuía um apelo universal na mente humana que não o permitiu desaparecer.

Com absoluta certeza, as pedras erigidas por todo o Velho e o Novo Mundo pelos adoradores da Antiga Religião - menires, Stonehenge, etc. - eram símbolos fálicos adorados socialmente, ainda que possuíssem outras funções como servir de relógio, altar, calendário, etc.. Pode-se mesmo afirmar que as pirâmides do Egito também representavam uma ligação entre o poder fálico universal e seus representantes terrenos. O próprio Faraó representava uma ligação entre a fertilidade divina e a terrena. Cabe lembrar que um Faraó só era assim reconhecido quando entronizado por uma mulher. A relação mágica se realizava em todos os níveis da vida nesta época.

Deve-se citar também o caráter mágico sexual de toda a filosofia shivaísta, hindu, tibetana e muitas das religiões orientais. Na verdade, o oriente foi o grande responsável pela sobrevivência dos segredos mágico sexuais até os dias atuais.

Paradoxalmente, os hebreus, grandes responsáveis pela cultura e religiosidade atuais, antes de assumirem uma religião severamente patriarcal e com um deus amorfo, cultuavam símbolos fálicos que faziam erigir por toda a Palestina.

Na verdade, a criação da lenda de Adão e Eva (posterior ao Pentateuco), que sucumbiam à tentação da serpente e da Árvore do pecado, está imensamente baseada em símbolos fálicos, tanto no que se refere à serpente quanto à Árvore.

Os hebreus, posteriormente com o surgimento e disseminação do corpo de ensinamentos esotéricos ao qual denominaram Cabala, basearam-na num modelo chamado de Árvore da Vida. Pode-se ver aqui claramente o poder fálico do Universo. Os nórdicos também representaram o poder fálico do Universo através da Árvore/serpente que sustentava o mundo, a Yggdrasil.

A Árvore da Vida pode representar - e representa - qualquer sistema que possamos imaginar, da Economia à galáxia. Isso leva ao conceito fálico subjacente a todo o Universo manifesto. E como ela também representa perfeitamente os planos espirituais e criadores, existe certamente um poder fálico manifesto.

O Sol - representado pela sephira, ou esfera, Tipheret na Cabala hebraica - circundado por outros planetas - outras sephiroth - de nosso sistema solar é um símbolo fálico que nos leva a meditar sobre o poder do Phallus em todos os níveis de existência. Mesmo porque a primeira força a ativar-se e se manifestar na Árvore da Vida cabalística é o supremo poder engendrador do falo, representado pela sephira Chokmah.

É óbvio que existe uma Cabala do Sexo, ainda que este termo suscite dúvidas quanto à sua credibilidade devido ao estilo de *merchandising* do mesmo. Cada sephira pode - e o é - ser trabalhada conscientemente por meio de rituais de magia sexual, visando atingir, ativar, redirecionar e superar os níveis conscienciais de cada uma destas esferas. Existem ordens esotéricas atuantes no país que trabalham sobre estes ensinamentos. Isso não quer dizer que este mesmo ensinamento não possa ser explorado e obtido individual e particularmente.

Muitos são os símbolos fálicos que se pode utilizar nestes rituais, tais como o pilar, o menir, a árvore, a montanha, a baqueta, a espada, o lingam, o raio, o leão, o caduceu, o galo, o martelo, a sarça ardente do deserto, a torre, o sol, a flauta, a seta, e muitos outros ainda. A simbologia é múltipla porém o objetivo é um só, elevar-se espiritualmente.

Numa era onde sexo, AIDS e medo parecem irremediavelmente interligados, os rituais sexuais cabalísticos talvez pareçam hipócritas e inadequados, porém em outras épocas milhares de pessoas foram queimadas por manter uma opinião discordante daquela da maioria. Um ritual sexual não é uma orgia grupal, insana e, sobretudo, promíscua. É preciso que haja ao menos uma inter-relação simpática entre seus executantes, e isso requer contato prolongado. Alguém que seja louco o suficiente para manter vários contatos sexuais, ainda que em nome de realizar um pretenso rito mágico sexual, realmente deve ser chamado de louco. É sempre bom lembrar as palavras do grande mago inglês Aleister Crowley em seu grandioso Livro da Lei: "Amor é a lei, amor sob vontade".

Amor é a lei, amor sob vontade.

Os Arcanjos e suas Qualidades

Malkuth – Sandalphon é o Senhor dos Quatro Elementos e deve ser chamado para a realização de questões puramente materiais.

Yesod – Gabriel é o Senhor dos Sonhos e o governador dos reinos sutis da natureza e do homem.

Hod – Mikael é o Senhor da Magia e das fórmulas mágicas.

Netzach – Haniel é o Senhor da Harmonia e do que é belo.

Tiphareth – Rafael é o Senhor da Cura através da luz solar.

Geburah – Khamael é conhecido como o Anjo Vingador da Lei e protetor dos fracos e dos injustiçados.

Chesed – Tzadkiel é o Senhor da Benevolência, trazendo calma e segurança.

Daath – Lúcifer é o Senhor da Verdade, aquele que trás a Visão do Equilíbrio entre o bem e o mau.¹⁷

Binah – Tzaphkiel é conhecido como o Senhor do Templo, por ser aquele que está por detrás da formulação de todos os cultos.

Chokmah – Ratziel é aquele que coloca as forças criativas em andamento.

Kether – Metatron é aquele que trás as mais remotas verdades espirituais.

Observação

“Nenhum estudante jamais realizará qualquer progresso no desenvolvimento espiritual se saltar de um sistema ao outro, utilizando ora algumas afirmações do novo pensamento, ora alguns exercícios de respiração e posturas meditativas da ioga, para prosseguir depois com algumas tentativas nos métodos místicos de oração. Cada um desses sistemas tem o seu valor, mas esse valor só é real se o sistema é praticado integralmente.”

Dion Fortune, A Cabala Mística, pág. 11

¹⁷

Atribuição dada por este autor.

A Fórmula YHVH

Na Fórmula יְהוָה temos a ideia de uma complexa família que precisa ser devidamente compreendida, pois nesta está o resumo das relações humanas como aprendemos com o Livro de Thoth. Temos nesta fórmula do Pai, da Mãe, do Filho e da Filha, respectivamente relacionada com o fogo, a água, o ar e a terra, todo o processo de Iniciação. Sendo que o objetivo do Filho e da Filha é o de assumirem o lugar dos seus pais.¹⁸

O Pai é a ação em sua máxima atividade, força e violência; a Mãe é a ação controlada, comedida e limitadora; o Filho é a reação violenta, limitada e desproporcional; e a Filha é a não ação, a lenta reação e a fixidade.

O Pai se junta com a Filha, pois nesta relação a experiência e a sabedoria do Pai é estimulado pela juventude e inexperiência da Filha. Entre eles é gerado um Amor oculto, mais intenso e secreto. É este Amor que fará com que a Filha seja a Mãe.

A ação do Pai é estimulado pela inércia da Filha.

O Filho se junta com a Mãe, pois ela é quem o gerou e o alimentou, além de ter feito dele o que ele é, mas tudo o que ele deseja é sair do controle dela e se tornar independente, através da sua morte. Neste Amor entre iguais o Filho se tornará no Pai, pelo Poder da Mãe.

A violência do Filho é estimulado pelo amor da Mãe.

O Pai acaba por estar com a Mãe, apesar de que a relação entre eles não é sempre harmoniosa por eles serem ativos. O Filho e a Filha acabam por se unir, por ambos serem passivos.

O Filho mata a Mãe e coloca a Filha em seu lugar, enquanto que o Pai se exila para outras terras. Aqui temos a grande referência à Grande Obra.

A Filha é a Estabilidade, enquanto que o Filho é o Conhecimento, sendo que a Mãe é o Entendimento e o Pai é o Verbo que se fez Carne.

Quando o Filho coloca a Filha no Trono da Mãe, ela o subjuga pelo seu próprio peso, libertando o Pai para a sua ação de se inflamar. A Filha é Criação do Filho; a Mãe é Geração do Pai. No fim, o Pai estará unido com a Filha em Matrimônio.

A Filha, AMA (אִמָּה), só se torna na Mãe, AIMA (אִמָּה), graças ao Amor do Pai, que a recebe em seu Palácio. É o reconhecimento do Pai e não a violência do Filho que a faz Senhora. A Mãe quando é assim substituída pela Filha se torna na Obscuridade da noite, ALIM (אִלִּים), sendo criativa apenas através da manifestação do espírito. Temos, então, aqui as três faces da Vida e da Iniciação.

¹⁸

O estudo das Cartas Magnas do Tarot são fundamentais para este entendimento.

Complemento ao Estudo

Como podemos perceber ao logo deste nosso pequeno estudo, a Cabala possui duas escolas distintas. A primeira é a escola judaica cujo principal interesse é a interpretação e a vivência “plena” dos seus Livros Sagrados, evitando a todo custo a idolatria a favor de uma compreensão exata das “Palavras de Deus”. Esta escola procura afastar qualquer outra forma de pensamento e de prática que não esteja tradicionalmente ligada à sua cultura.

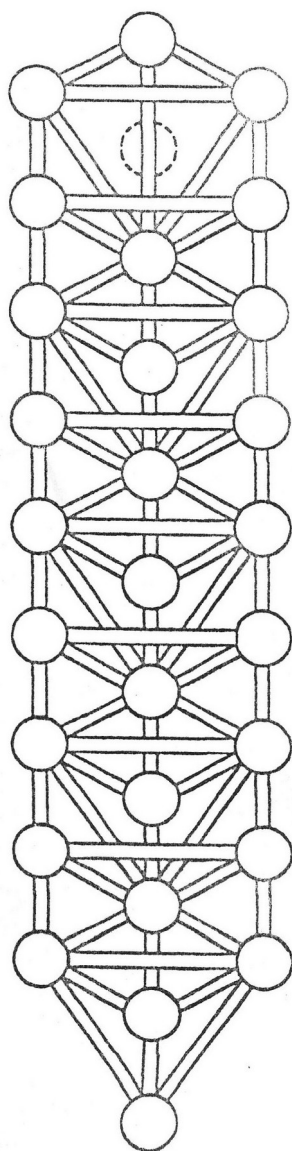
A segunda escola é a hermética cujo objetivo, graças ao livre estudo da Cabala e da Árvore da Vida, é o de perceber Deus em todas as coisas, utilizando diversas outras formas de filosofia e de práticas. Se Deus é um Ser onipresente e onisciente, Ele deve ser percebido em tudo e não apenas nos Livros Sagrados. Compreender a si mesmo e o mundo ao redor, é compreender também Deus em toda a sua magnitude.

No entanto, apesar da aparente distância de uma com a outra, ambas possuem o mesmo objetivo último que é o de levar o ser humano a reencontrar o Divino que está nele mesmo. As diferenças são sutis a nível esotérico, mas abissais a nível exotérico. O nosso esforço é sempre o de buscar o espírito por detrás da letra e nesse sentido há uma enorme aproximação entre as duas escolas de pensar a Cabala.

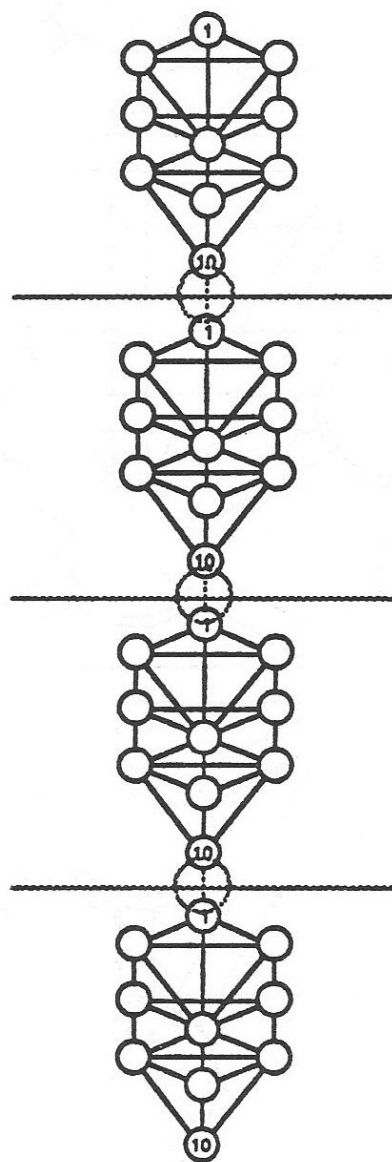
A Árvore da Vida (Imagens)

A Escada de Jacob

A Escada de Jacob é uma representação esquemática da união das quatro Árvores dos quatro Mundos de Existência. Ela pode ser representada por estes dois esquemas: a da esquerda sendo a representação tradicional e a da direita uma representação mais didática e moderna, onde observamos melhor a interpenetração dos quatro mundos. Na prática, isto representa a emanção destes mundos no cotidiano de todas as pessoas.

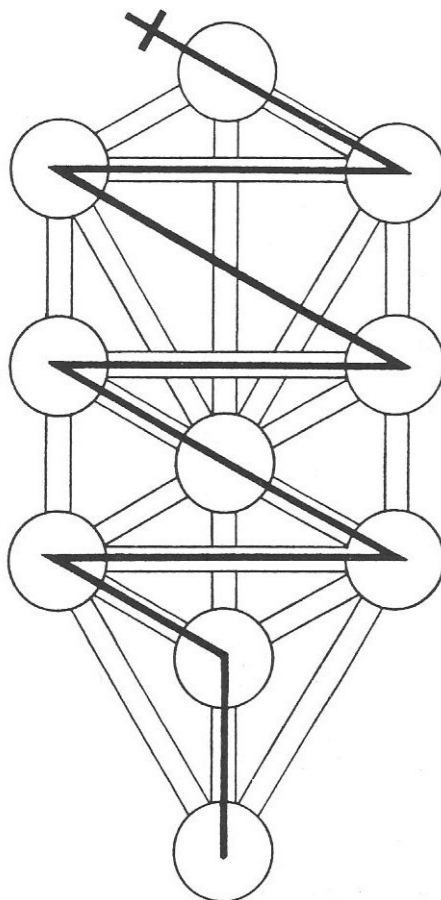


Neste esquema Tiphareth de uma Árvore é Malkuth da seguinte.



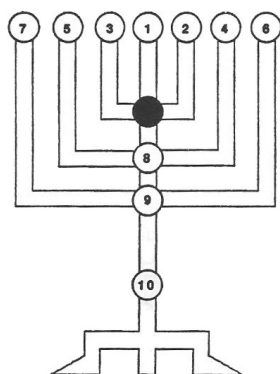
Neste esquema mais didático, Kether de uma Árvore seria Malkuth da seguinte.

A Espada Flamejante

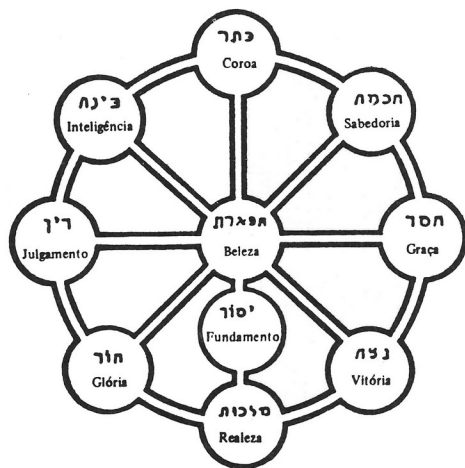
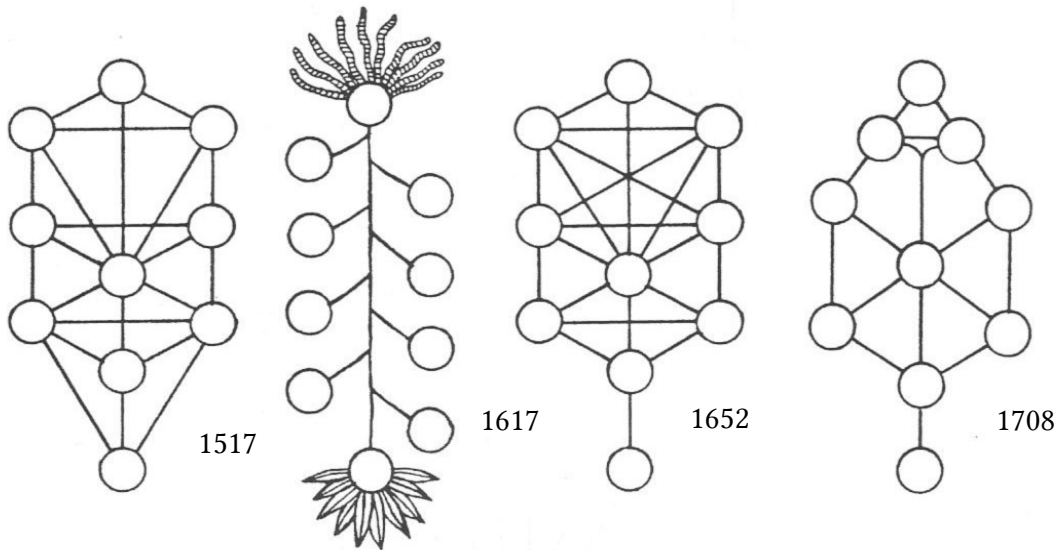


O desenho da Espada Flamejante simboliza a descida da Luz divina até a Terra (Malkuth), o Reino de Deus ou a Terra Prometida, mas também simboliza a queda da Humanidade do Paraíso e o Caminho inverso que se terá de fazer para se voltar à sua condição divina. Neste desenho vemos aquilo que os Iniciados chamam de Caminho da Serpente: que serpenteia todas as Esferas da Árvore da Vida. Neste esquema temos uma alusão ao Êxodo do povo hebreu do “cativeiro” do Egito.

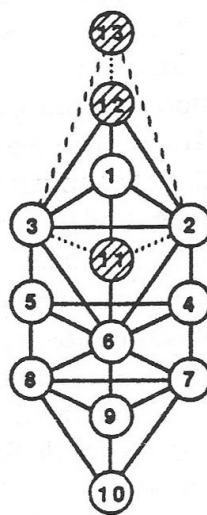
As Diversas Árvores da Vida ao longo da História



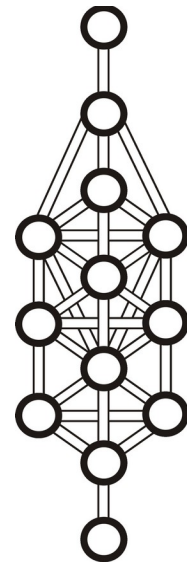
A Menorah ou o Candelabro das Luzes, o primeiro esquema da Árvore da Vida.



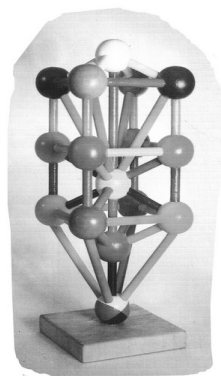
Coração de Deus



Árvore de Treze Esferas
desenvolvida pela Sra. Ann
Williams-Heller, 1990



A Árvore do Esplendor de
Deus, desenvolvida por
Sérgio Bronze, 2005



Árvore da Vida Tridimensional

Parte II



OS TRÊS PILARES DA ÁRVORE DA VIDA

por
Gabriel Bronze & Sérgio Bronze

Publicação em Classe C.

INTRODUÇÃO _____

É impossível compreendermos a Cabala sem termos estudado profundamente o Tarot e o contrário é também verdadeiro. Muitos estudantes de Cabala não aceitam o Tarot em seus estudos, por acreditarem que a Cabala é uma Ciência dada por “D’us” aos seres humanos e que o Tarot seria um jogo inventado pelos seres humanos e, conseqüentemente, inferior. Por outro lado, muitos usuários do Tarot não dedicam o tempo necessário ao estudo da Cabala e o motivo são diversos. Porém, ambas as Ciências são Divinas e nos foram apresentadas por Consciências que zelam pela evolução da humanidade, ao longo dos tempos.

A grande dificuldade deste estudo é compreender que ao nos referirmos aos Arcanos Maiores do Tarot, estamos lidando com todas as ideias possíveis de cada um dos Arcanos. Não é possível compreendermos este estudo sem termos estudado profundamente todos os Arcanos e as suas diversas ideias, iniciáticas e profanas, tal como se faz necessário com a Cabala, e o tempo todo as estaremos conjugando. Existe uma complexidade neste estudo e tentaremos ser o mais simples e objetivo possível. Muitas vezes faremos colocações que atualmente não são mais utilizadas, mas que permeiam o inconsciente coletivo, por exemplo: sabemos que O Homem Pendurado é o caminho que o Eremita faz para poder trazer a sua Luz para a humanidade e que o seu movimento é um Trabalho Sagrado, mas também devemos ter claro que o mesmo Arcano é visto por muitos como sacrifício, privação e dor.

Neste estudo devemos esquecer que tanto o Caminho do Æon (Julgamento, no antigos baralhos) quanto o caminho da Lua não se encontram ligando Malkuth à Hod e Malkuth à Netzach, respectivamente, mas para Chesed à Binah e Geburah à Chokmah. Estamos lidando com a Árvore comum, utilizada normalmente pelos estudantes de Cabala, e não com a Árvore iniciática que, também, tanta Sabedoria guarda. A primeira é o que podemos chamar de Árvore do Conhecimento do Bem e do Mau, enquanto que a segunda seria a Árvore da Vida.

Antes de iniciar este nosso estudo, é necessário dizer que todos os estudantes deveriam primeiramente se inteirar da natureza dos trinta e dois Caminhos da Árvore da Vida, para terem uma base do estudo que se segue.

OS TRÊS PILARES OU COLUNAS DA ÁRVORE DA VIDA _____

Na Árvore da Vida temos três Pilares: a da Esquerda (Coluna da Severidade) que vai de [Malkuth,] Hod, Geburah, Binah até Kether; a do Meio (Coluna do Equilíbrio) que vai de Malkuth, Yesod, Tiphareth e Kether, atravessando Daath; e a da Direita (Coluna da Misericórdia) que vai de [Malkuth,] Netzach, Chesed, Chokmah até Kether. Em todas as três,

o que há de comum é que o ser humano busca evoluir, pois tal condição é inerente a própria Natureza. Tudo no Universo está em um processo de expansão e assim como o Macrocosmo, o Microcosmo também está subordinado a tal Lei. Mesmo quando o processo pode nos parecer contrário esta Lei maior está em movimento.

Estes três Pilares simbolizam a tentativa humana de atingir o ápice da sua evolução. Poderíamos até dizer que existe uma quarta, mas esta está formada apenas pela Esfera de Malkuth e está completamente subordinada à Árvore de Assiah, que é a Esfera vista de cima. No entanto, é uma força superior que formam os três Pilares impelindo à evolução. Podemos representar o ser humano nestes outros três Pilares em sua tentativa social (Coluna da Esquerda), Árvore de Yetzirah; com sua tentativa religiosa (Coluna da Direita), Árvore de Briah; e em sua conquista Iniciática (Coluna do Meio), Árvore de Atziluth. Estas “tentativas” possuem o seu próprio tempo e estão condicionadas ao próprio estágio de evolução da Alma humana. A Coluna da Direita não é necessariamente um Caminho espiritual, mas um que é mais sensível, pautado em um sentido de religiosidade. Ambos os Pilares, o da Direita e o da Esquerda, representam as características do ser humano e das sociedades humanas. A Coluna do Meio é solitária por essência, pois tenta ligar os outros dois e que nem sempre será bem aceito pelos demais.

Como dissemos, os três Pilares se referem a cada ser humano individualmente, mas que nos Pilares laterais acabam por refletir toda uma característica social, uma vez que o ser humano “é um animal social”. A exceção, e no Universo, assim como nos mostra a Cabala e o Tarot, sempre existem exceções, é o Pilar do Meio que é sempre trilhado individualmente e que dificilmente encontraríamos um reflexo da sociedade. Os Iniciados na grande maioria das vezes não se encaixam nos padrões sociais da sua época, como podemos observar no Arcano da Sacerdotisa, mas é o que influencia definitivamente os outros dois.

É também necessário dizer que, todo Caminho lateral da Árvore da Vida é uma tentativa de trapacear com a evolução, de encurtar o caminho do processo natural de evolução humana. São os tais saltos que a Natureza de vez em quando dá, na sua expansão evolutiva, que acaba por provocar mutações nem sempre nada favoráveis, gerando deformações nela mesma.

Os dois Pilares, da esquerda e da direita, podem ser chamados de Pilares da Carne (ou da Paixão), uma vez que representam a transitoriedade, a passividade e a corrupção. Ambas iniciam na busca sincera de acertar, apesar de uma vontade ineficaz que as leva à corrupção. A ideia da carne está diretamente vinculada ao ego, pois este é movido pela paixão e esta nada mais é do que um amor tão intenso que ofusca o bom senso, além de ser um hábito ou um vício incontrollável.

Não dissemos anteriormente, mas, abstraindo, existiriam quatro Pilares, uma vez que Malkuth seria a quarta, vista do alto. Assim, cada um dos quatro Pilares estariam representando as quatro Árvores da evolução humana. Assiah seria representada exclusivamente por Malkuth, Yetzirah seria representada pela Coluna da Severidade, Briah pela Coluna da Misericórdia e Yetzirah seria representada pela Coluna do Equilíbrio.

O PILAR DA DIREITA _____

Aquele que segue esta Coluna o inicia por ver a limitação que a vida material, a realidade, lhe oferece, mas logo ele penetra em um mundo desconhecido, que transcende a sua compreensão e que acaba levando para uma ilusão, no que se refere a espiritualidade. Por não compreender uma nova realidade, este acabará por se mover na direção da feitiçaria, pois percebe que de posse de poderes paranormais ele pode conquistar o poder sobre o mundo material e sobre tudo aquilo que os seus desejos mais íntimos se fazem em sonhos. Muitos se deixam levar pelos dogmas religiosos. A grande maioria das pessoas que se enveredam por uma senda de espiritualidade (ou exoterismo) acaba por se deixar fugar pelo poder material ou, pelo menos, acredita nisso. Assim, ele “conquista” o amor e o respeito de todos, fazendo com que estes o sigam como ovelhas, por acreditarem que estão diante de alguém realmente espiritualizado. Ele, por sua vez, acredita ter se tornado em um “verdadeiro iniciado”, por conquistar tudo o que deseja, mas que trata a todos com violência e arrogância, destruindo em muitos a crença de que a espiritualidade é um caminho real.

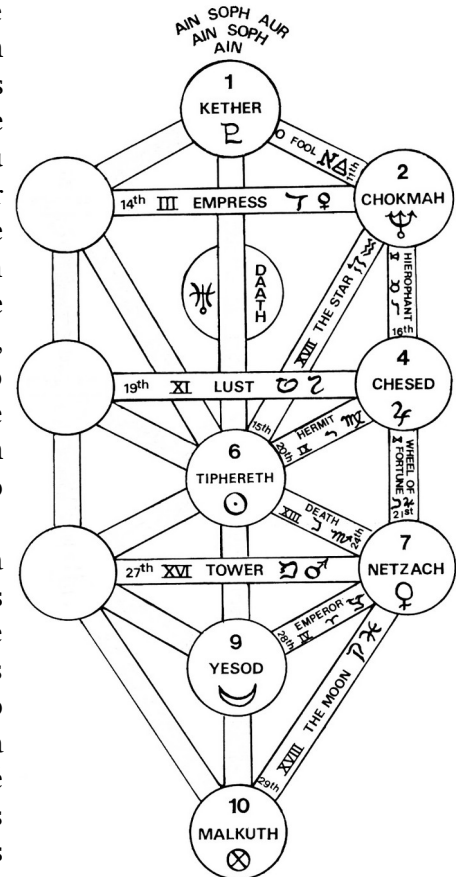
Este nosso “iniciador” mergulha em uma falsa sensação de felicidade, de realização. Ao ter plenos poderes sobre todos, ao ter conquistado uma autoridade “espiritual”, começa a pensar que é superior a todos os outros seres humanos, acreditando ser um escolhido para guiar a humanidade e que, ele mesmo, atingiu a “salvação”: então, ele se torna em um Hierofante. Ele é apenas movido pelo seu prazer pessoal e cada vez mais cria mecanismos para que possa fazer as pessoas subservientes à estes prazeres.

O Hierofante por estar de posse de um ego descontrolado acredita, portanto, que só ele é uma estrela, não respeitando os direitos dos outros. Como ele acredita ser o guia de todos do seu rebanho, tende a tratá-los como seres infantis, manipulando-os indiscriminadamente. Ele é capaz de passar por cima de tudo e de todos para conseguir o que deseja e para manter o seu poder. Ele se torna em um verdadeiro tolo, que acha que conhece alguma coisa do mundo espiritual. Certamente, ele foi enganado por Choronzon, o seu ego.

Apesar disto tudo, ainda assim ele gera um processo de evolução e contribui para a evolução de todos sob ele. Ele acaba nos ensinando o que não devemos ser e fazer. Apesar de se estar em evolução esta irá demorar mais tempo, mas na Natureza não se deve dar saltos, contribuindo ainda mais para a o sofrimento humano.

As grandes religiões institucionalizadas são um claro exemplo do que esta pessoa criou.

O PILAR DA ESQUERDA _____



Nesta Coluna, temos aquele indivíduo que descontente com a realidade social em que vive, percebe que tem de romper definitivamente com tudo aquilo que ele considera “velho e não verdadeiro”. Ele busca uma mensagem que se coadune com aquilo que ele acha ser correto e ao encontrar, acredita naquela aparência de novo e de algo libertador. Movido pelo fanatismo daquilo que acha ser o certo, ele inicia uma revolução, na tentativa de destruir o passado para construir algo novo. Todos que não pensam como ele são seus inimigos e precisam serem destruídos, pois acha saber que a única maneira de “conquistar o que é certo” é através do sacrifício e da dor de todos.

Nesta nova realidade que ele está construindo não tem lugar para as antigas leis e que todos aqueles que são contra suas ideias não merecem a proteção da lei, pois são inimigos dessa nova lei. Ele é a nova lei e pune à todos com a violência sumária, até mesmo aqueles que pensam como ele são seus inimigos e isto acaba por gerar nele um prazer pelo sofrimento alheio. Assim, ele se acha no líder da revolução, o único que sabe o que é melhor para todos, o que dita os rumos desta nova sociedade e traz para perto dele apenas aqueles que ele acha que o amam e aqueles que se curvam perante os seus desejos.

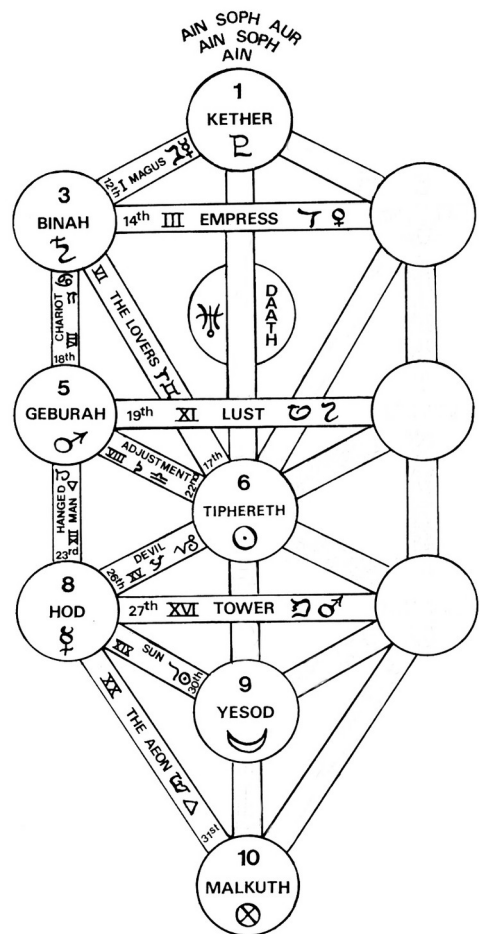
Apesar de líder dessa nova sociedade, ele realmente não entende os anseios das pessoas, sequer entende os seus próprios anseios, pois a nova sociedade criada é opressiva, exatamente ou até pior do que a anterior. Ele passou por cima de tudo e de todos sem se importar com ninguém além dele mesmo, além de querer satisfazer os seus desejos de poder. O que ele cria não dura no tempo, mas de certa maneira auxilia na evolução da sociedade como um todo, mostrando que nenhuma sociedade pode existir em liberdade se esquecer o seu passado.

As sociedades de extrema direita ou de extrema esquerda que a humanidade conheceu são um exemplo do que este indivíduo criou. A Revolução francesa é um outro exemplo mais do que óbvio disto.

O PILAR DO MEIO _____

O Adepto, aquele que é movido pela busca de sua Sabedoria ao perceber que a realidade não o satisfaz, não procura por um rompimento com o seu passado (XX), nem acredita na ideia de sacrifício (XII) ou muito menos se curva à uma autoridade (VII) que ele não reconhece como tal. Um verdadeiro Adepto não busca o caminho obscuro da magia ou da feitiçaria (XVIII), não está em busca por fracos prazeres ou de uma felicidade falsa (X) e nem deseja ter poder sobre outros ou ser guia de multidões (V).

Ao buscar pelo seu crescimento pessoal, ele terá de se deparar com as ilusões que permeia tanto o mundo externo quanto o seu mundo interno. Ao se deparar com a ilusão, ele tanto poderá se achar superior aos demais, acreditando que todos devem segui-lo e, neste caso, ele vai para a Coluna da Direita; ou ele passa a acreditar que encontrou a solução para os males da vida e, neste caso, ele vai para a Coluna da Esquerda. No entanto, ele persevera e compreende que a ilusão é a causa de toda a dor e se compromete ainda mais com a busca



pela Sabedoria, ao compreender que tudo é uma ilusão e que mesmo não podendo se livrar de toda ilusão deverá continuar perseverando. Com isto, acabará tendo a possibilidade de atingir o início de sua Iniciação, através do auxílio de seu Sagrado Anjo Guardião.

Ao se deparar com o Anjo, seu verdadeiro Guru, ele poderá acreditar que está realmente na presença de um demônio e o que este tenta ensinar é apenas pura “maldade” ou ele poderá cair na mais pura adoração, o que o levará para a “morte”. Porém, deverá reunir todas as suas forças e compreender que para aprender o que lhe está sendo ensinado é necessário equilíbrio de sua inteligência e que a partir daquele momento ele estará só em seu caminho que o leva à Sabedoria, que poucos serão aqueles que compreenderão os seus esforços. Deverá compreender que deve ter confiança Nele e em si mesmo, que ambos necessitam um do outro, pois são os verdadeiros Amantes. O perfeito equilíbrio entre ambos é o que lançará o nosso Adepto na direção de Daath.

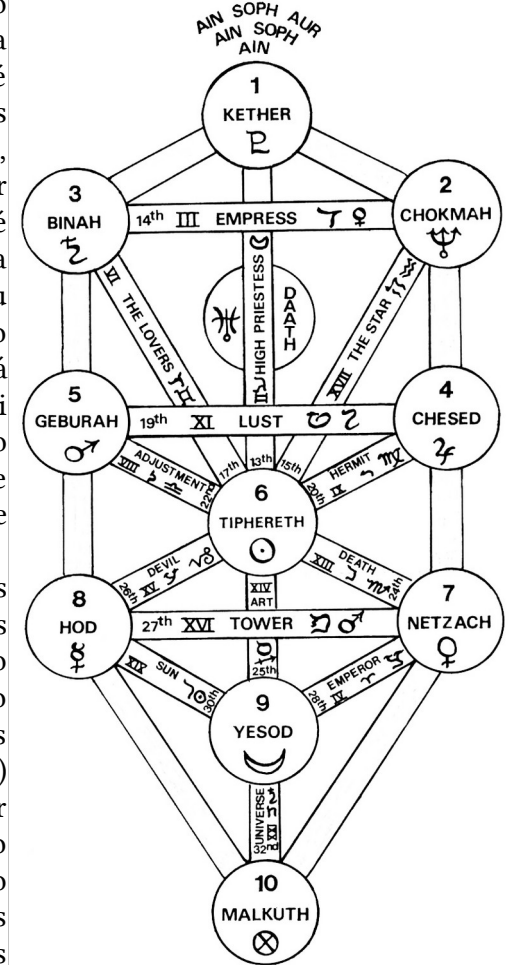
Temos aqui três situações complexas demais para ser tratado neste simples material, mas podemos dizer que vemos aqui o Conhecimento do Amor e a plena maestria através da Alquimia, como a busca pela síntese do mundo e de si mesmo. Vemos aqui o que o Arcano dos Trabalhos (Três de Discos) nos ensina. Portanto, temos a total entrega por Amor pela humanidade. Depois, vemos a introspecção e o profundo mergulho no Sofrimento para o Entendimento do mesmo na vida de todos os seres humanos e uma relação estreita com os Chefes Secretos. E, por último, vemos a formação de uma nova Estrela, que é aquele que atinge a sua Sabedoria. Mas antes ele precisa atingir o Entendimento de como realizar sua Verdadeira Vontade na Terra, pois esta é a sua missão dos Milhões de Anos, para só depois, e de posse da sua Grande Obra, poder atingir a Felicidade Suprema e a grande Recompensa.

Neste processo, ele vê quantas encarnações ainda lhe resta e o que ainda tem de realizar dali em diante.

DA EVOLUÇÃO _____

Há, no entanto, mais uma questão que nos é levantada pela inteligência: tem como alguém destes Pilares laterais desistir das mesmas? Sim, certamente! Mas devemos ter em mente que isto só ocorre com determinadas pessoas em determinadas Esferas de suas respectivas Árvores da Vida, como nas de Tiphareth, Binah, Chokmah e Kether. Estas quatro Esferas sofrem uma influência espiritual mais intensa do que em qualquer outras.

Neste processo de evolução o Caminho representado pela Torre, o 27º Caminho, desempenha um papel essencial, tal como observamos no estudo do Arcano no Tarot. O Arcano demarca uma confusão generalizada interna e externa, uma impermanência e ao mesmo tempo nos obriga uma tomada de decisão pessoal, definitiva, visando a nossa estabilidade e evolução. Como disse o Magus: “O ser humano comum só evolui através das guerras, mas o iniciado apenas através da Vontade”.

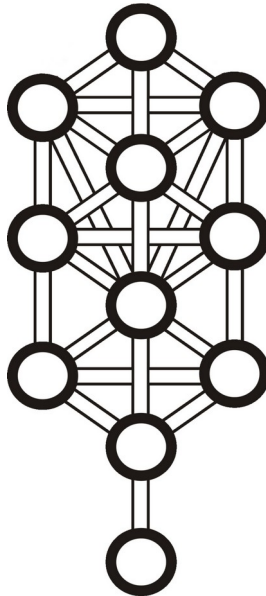


A pessoa de Yetzirah ao querer romper com o mundo social em que vive, movida por uma mensagem que em determinado momento lhe pareceu correta, ao se deparar com a própria revolução que ajudou a fomentar, percebe, no meio de toda aquela violência e descontrole, que não era aquilo que a sua fantasia mental havia concebido. Ela se deparou com a soltura do diabo e do inferno, e assim todas as suas ideias são destruídas, fazendo-a retornar para Malkuth.

Da mesma forma, a pessoa de Briah ao romper com o mundo profano, movida ou levada por alguém que também se encontra perdido. Percebe que seguir cegamente dogmas religiosos e regras impostas por aquelas pessoas, que fomenta a morte de outros que não seguem tais preceitos religiosos; de pessoas que, ela agora vê, sequer são realmente espiritualizadas. Faz com que ela se desaponte e retorne para Malkuth.

O retorno de ambas para a 10ª Esfera é o esforço sincero na busca de um ajustamento que só existe no Pilar do Equilíbrio. Apesar deste Pilar representar o Caminho de Atziluth, ela mostra para todos a necessidade da estabilidade (material e mental), do conhecimento, do entendimento e da sabedoria. Este equilíbrio só é alcançado a partir do momento em que tudo é vivido, isto é, todas as Esferas são experimentadas. Apesar do Pilar do Equilíbrio representar o Caminho verdadeiramente espiritual, não podemos deixar de lembrar que o Tarot nos ensina que tanto o Caminho do homem da Terra, quanto do Eremita, se entrelaçam constantemente. Portanto, não existe um caminho profano e um caminho sagrado, pois: “Assim como é em cima, é embaixo.”

Obs.: A Árvore da Vida iniciática, que aparece no esquema abaixo, é um tanto quanto diferente do que esta que estamos utilizando neste trabalho.



Bibliografia

Kabbala Desvelada – Knorr de Rosenroth – Editorial Humanitas
La Sabedoria Mágica (2 vol.) – Denning & Phillips – Luis Cárcamo, Editor
Una Kabbalah Para El Mundo Moderno – Migene González-Wippler – Mirach, S.A.
Um Jardim de Granadas – Israel Regardie – Luis Cárcamo, Editor
La Cabala – Alexandre Safran – Ediciones Matínez Roca, S.A.
La Aurora Dourada (4 vol.) – Israel Regardie – Luis Cárcamo, Editor
Magick, Book Four – Aleister Crowley – Samuel Weiser, Inc.

A Cabala Prática – Charles Fielding – Cultrix
Sepher Yezirah – Ver. Dr. Isidor Kalish – Biblioteca Rosa Cruz
Os Mistérios da Cabala – Éliphas Lévi – Cultrix
A Chave dos Grandes Mistérios – Éliphas Lévi – Pensamento
Dogma e Ritual da Alta Magia – Éliphas Lévi – Pensamento
Cabala e Psicologia – Z'ev ben Shimmon Halevi – Ed. Siciliano
O Trabalho do Kabbalista – Z'ev ben Shimmon Halevi – Ed. Siciliano
ABC da Cabala – Leo Reisler – Editorial Nórdica Ltda.
Qabalah – Alberto Lyra – IBRASA
Cabala, O Caminho da Liberdade Interior – Ann Williams-Heller – Cultrix
Para Compreender a Cabala – A. D. Grad – Cultrix
O Tarot Cabalístico – Robert Wang – Cultrix
O Essencial da Cabala – Daniel C. Matt – Editora Best Seller
A Árvore do Esplendor – Sérgio Bronze (documento não publicado)

Indispensáveis para Consultas

Gematria – Aleister Crowley – Editorial Humanitas
Sepher Sephiroth – Aleister Crowley – Editoria Humanitas
777 – Aleister Crowley – Editorial Humanitas
Cabalistic Encyclopedia – David Godwin – Llewellyn Publications
A Cabala Mística – Dion Fortune – Cultrix
Aforismas Cabalísticos – James Sturzaker – Editorial Sírrio, S.A.
Tratado Sobre o Tarot de Thoth – Sérgio Bronze – Instituto Aleister Crowley